



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO LETRAS  
CURSO DE LETRAS - PORTUGUÊS**

**JOANDERSON DOS SANTOS SILVA**

**1984: UM ESTUDO DO PODER DISCIPLINAR NA CONSTRUÇÃO DE  
SUBJETIVIDADE**

**GUARABIRA  
2020**

JOANDERSON DOS SANTOS SILVA

**1984: UM ESTUDO DO PODER DISCIPLINAR NA CONSTRUÇÃO DE  
SUBJETIVIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada a Coordenação do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa – Campus III, sob orientação do prof. Dr. José Vilian Mangueira.

**GUARABIRA  
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586m Silva, Joanderson dos Santos.  
1984 [manuscrito] : um estudo do poder disciplinar na construção de subjetividade / Joanderson dos Santos Silva. - 2020.  
52 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2020.  
"Orientação : Prof. Dr. José Vilian Manguiera ,  
Coordenação do Curso de Letras - CH."  
1. Disciplina. 2. Subjetividade. 3. Michel Foucault. I. Título  
21. ed. CDD 121.68

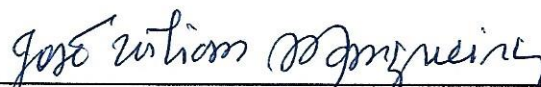
JOANDERSON DOS SANTOS SILVA

**1984: UM ESTUDO DO PODER DISCIPLINAR NA CONSTRUÇÃO DE  
SUBJETIVIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada a Coordenação do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa – Campus III, sob orientação do prof. Dr. José Vilian Mangueira.

Aprovada em: 03/12/2020.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof. Dr. José Vilian Mangueira (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Dra. Rosângela Neres Araujo da Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Dr. Paulo Vinícius Ávila Nóbrega  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu amado pai, que partiu durante os últimos ajustes dessa pesquisa, e não teve a oportunidade de ver ser filho se formar em curso superior, DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, por ter me dado forças de terminar o curso mesmo em meio a tantos obstáculos que surgiram em minha vida

Agradeço a todos os meus honrosos professores que tive e continuarei tendo ao longo de toda minha vida. Em especial, tendo minha querida professora de Língua Portuguesa do Ensino Médio, Gilliane Bento, que despertou em mim o gosto pela literatura; ao meu professor de História, também do Ensino Médio, Radamés das Neves, responsável por plantar em mim a semente da consciência de classe que germinou e, hoje, faz-me lutar por justiça e causas sociais.

Agradeço aos inúmeros amigos que fiz durante a estrada da vida, em especial o Emerson Aluizio, Francisco Neto, Jefferson Marques, Jaqueline Rodrigues, Gilson Vinícius, ao ilustre professor Erivan Sabino, Elaine Ribeiro, Jacyele Linhares, Joycielle Silva, Joycielida Fagundes. Aos amigos que fiz na Associação Rádio Comunitária Araçá FM, em especial a Wilma César, Jailton Alves, Jailson Marinho, Joelington Fernandes, Camila Silva, Jackson Silva que aguentaram ao longo de mais de 4 anos as minhas preocupações acadêmicas.

Aos meus amigos e amigas da turma do ônibus da UEPB, turno vespertino, que entre idas e vindas, surgiram conversas proveitosas, as quais foram responsáveis pela criação de laços afetivos entre nós.

Ao corpo docente da UEPB que me proporcionou oportunidades inesquecíveis em realizar pesquisas, participar de atividades de ensino e extensão, em especial aos Professores Antônio Flávio, Paulo Aldemir, Paulo Vinícius, João Paulo, Aldinida Medeiros, Andréa Moraes, Rosângela Neres, Edilma Catanduba, Danielle Mendes; enfim, a todos os professores que acreditaram em mim, fizeram e ainda fazem parte da construção do profissional que sou hoje.

Agradeço, ainda, a minha querida turma de Letras-Português, 2016.1, pelo excelente convívio de um pouco mais de 4 anos, pelas trocas e partilhas de conhecimento, em especial ao grupo de trabalho do qual fiz parte durante muito tempo, tendo como integrantes; Natália Santos, Jessica Azevedo, Valdir Maurício, Daniel Lira e Lara Cristina. Terminamos as atividades, mas não a sincera amizade.

Agradeço ao meu querido orientador, Professor Doutor Vilian Mangueira, por dispor de sua experiência teórica-metodológica na composição deste trabalho.

Sempre tecendo comentários pertinentes para o desencadear da pesquisa. Excelente profissional, o qual levarei para a vida.

Agradeço à banca examinadora composta pelos meus queridos professores, Rosângela Neres Araujo da Silva e Paulo Vinícius Ávila Nóbrega por se disporem a fazer parte deste sonho.

Agradeço a minha mãe, Josileide Pereira dos Santos, pelo apoio que sempre me deu, por ser minha base nos momentos difíceis, por estar sempre ao meu lado e sempre acreditando em mim. Amo-te, minha mãe!

Agradeço aos meus irmãos, Jaciara e Joalison, por aguentarem as minhas angústias, os momentos de estresse. Agradeço por vocês compreenderem que minhas ausências, nos momentos de lazer, eram por questões tão somente de estudos. Amo-os, meus irmãos.

Enfim, um agradecimento especial ao homem que fez de mim o que sou hoje. Meu amado pai (*in memoriam*), João Soares da Silva, que partiu para o plano espiritual antes de ver seu filho realizar o término desta pesquisa. Meu amado pai, obrigado pelo seu amor, pelos seus ensinamentos, pelos conselhos, por compreender minhas ausências e me incentivar a estudar. Obrigado por aquele abraço quente que me deste pela última vez, pela sua benção, por declarar seu amor por todos nós. Obrigado pela força que me deste para a conclusão desse trabalho. Levar-te-ei em todas as minhas conquistas e espero que estejas orgulhoso desse seu filho, que agora, é professor. Amo-te eternamente, meu pai.

“HÁ TRÊS ESTÁGIOS NA SUA REINTEGRAÇÃO – DISSE O’Brien. – Aprender, compreender e aceitar. É hora de iniciá-lo o segundo. (ORWELL, 1996, p.242).



## RESUMO

A referida pesquisa fez uso dos princípios foucaultianos, que embasam um estudo a respeito das relações de poder na sociedade através de um método arqueológico. Com o objetivo de analisar essencialmente o poder disciplinador do romance distópico *1984*, escrito pelo inglês George Orwell, pseudônimo de Eric Arthur Blair, e publicado pela primeira vez em 1949, essa pesquisa fez uso de um modelo de caráter qualitativo explicativo e bibliográfico. Por meio da construção político-econômica da obra, identificou-se a presença de instrumentos tecnológicos e discursivos responsáveis por revelar uma disciplina que visa tanto na docilização dos corpos, das chamadas “massas” ou “proles”, como também na transformação destes em uma sociedade útil ao Estado. Esse método de controle que se manifesta no romance em toda a camada social foi classificado e categorizado nessa investigação por meio de ações adotadas pelo partido *Ingsoc*. Observamos, por fim que os instrumentos de controle social apresentados na obra podem perpassar barreiras da ficção e serem constatadas, também, em nossa realidade.

**Palavras-Chave:** Michel Foucault; Disciplina; *1984*; Subjetividade.

## ABSTRACT

This research made use of the Foucauldian principles which support a study about power relations in society through an archaeological method. With the objective of analyzing essentially the disciplinary power of the dystopian novel *Nineteen Eighty-Four*, written by the Englishman George Orwell, pseudonym of Eric Arthur Blair, and initially published in 1949, this research used an explanatory qualitative bibliographic model. Through the novel's political-economic construction, we identified the presence of technological and discursive instruments, responsible for revealing a discipline that aims at the docilization of bodies, so-called "masses" or "proles", as well as transforming them into a society useful to the State. This control method that manifests itself in the novel across the social layer was classified and categorized in this investigation through actions taken by the *Ingsoc* party. Finally, we observed that the instruments of social control presented in the novel can cross barriers of fiction and be verified, also, in our reality.

**Keywords:** Michel Foucault; Discipline; *Nineteen Eighty-Four*; Subjectivity.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	08
2	FOUCAULT E ORWELL: DA RELAÇÃO ENTRE AS PRÁTICAS DISCURSIVAS E O PODER, A OBRA SURGE.....	12
3	A DISCIPLINA PRESENTE NAS INSITUIÇÕES DE PODER E A CONSTRUÇÃO SUBJETIVA DO SUJEITO.....	26
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
	REFERÊNCIAS .....	51

## 1 INTRODUÇÃO

Nossa sociedade constitui-se de diversas instituições normatizadoras que interferem (in) diretamente na construção subjetiva dos sujeitos, nos seus comportamentos e no modo em que vivem. Por meio de uma metodologia genealógica, o filósofo francês Michel Foucault, conseguiu trazer conhecimentos dos campos da justiça, da medicina, para uma discussão a respeito de suas colaborações na produção das relações de poder presente no nível micro ao macro do indivíduo.

Diferentemente do que muitos pensavam até a segunda metade do século XX, o poder não está restrito ou exclusivo ao Estado, tampouco ele opera, apenas, como modo de repreensão do sujeito. Foucault, por meio de um método de investigação que leva em consideração o contexto social-histórico-discursivo, analisa as diferentes instituições como a família, a economia, o nascimento da psiquiatria, das prisões, da medicina, da geografia, da sexualidade, e observa que os poderes estabelecem relações multilaterais entre os sujeitos, ou seja, ninguém é detentor do poder, mas o poder passa por entre nós. O poder, ainda segundo a observação do filósofo no texto *Microfísica do Poder* publicado em 1986 é comparado a feixes, um sistema que não só é responsável por reprimir a sociedade, mas também de produzir comportamentos e saberes.

Levando em conta as teorias do filósofo francês, neste trabalho, analisaremos o poder disciplinar presente na obra da literatura inglesa *1984* escrito pelo inglês George Orwell, pseudônimo de Eric Arthur Blair, e publicado pela primeira vez em 1949. Por meio da construção político-econômica do romance, identificou-se a presença de instrumentos tecnológicos e discursivos responsáveis por revelar um poder centrado na disciplina dos corpos.

A pesquisa surge mediante reflexões que tive durante a graduação do curso de Letras, especificamente, pós a leitura do romance *1984*, uma obra de cunho político que tanto me agrada; e após discussões com amigos acadêmicos sobre os conceitos decorrente da Análise do Discurso bakhtiniana e foucaultiniana durante a disciplina de Linguística II.

Com o intuito de delimitarmos melhor a pesquisa, nossa análise será focada na metodologia de controle ideológico adotada pelo partido *Ingsoc* responsável pelo domínio massivo do corpo e mente da sociedade na obra. Buscamos, ainda, categorizar quais os principais instrumentos usados pelo partido demonstraram ser

mais eficientes nessa docilização, além de avaliar quais os saberes que surgiram durante essas relações de poder presentes no nível micro e macro da sociedade. Reafirmando o que já foi mencionado anteriormente, nosso estudo fez uso dos preceitos foucaultianos, estes encontrados em obras do próprio Michel Foucault como o *Vigiar e Punir: Nascimento da prisão* (1987); *Microfísica do Poder* (1979) etc.

A análise do poder disciplinar, foco de nossa investigação, pode nos fornecer subsídios importantes para compreendermos o funcionamento das técnicas de doutrinação por meio de um controle minucioso das operações do corpo, afim de torná-lo útil e dócil, atendendo, é claro, ao interesse social, ou no caso da obra, do Estado.

Deste modo, torna-se imprescindível o trabalho de Michel Foucault sobre a disciplina, por auxiliar na categorização e no constatar dessas técnicas de poder utilizados pelo partido *Ingsoc* manifestados por meio da organização do espaço social, do controle do tempo, da vigilância permanente e no registro contínuo do conhecimento.

Para melhor direcionamento da pesquisa, explicitamos alguns questionamentos importantes que nos conduzirão no desdobramento desta investigação até a sua conclusão: Como a guerra favoreceu o partido *Ingsoc* no domínio populacional? Com a produção de saberes se institucionalizaram e auxiliaram na produção de padrões de comportamentos? Essas perguntas nos darão sustento para solucionarmos o problema chave da pesquisa: como o poder disciplinar tonou-se eficaz para a manutenção ideológica do Estado?

Visando respondê-las durante o percorrer deste trabalho, elas serão de suma importância para chegarmos aos nossos objetivos específicos e central. Específicos: Identificar os instrumentos tecnológicos usados no domínio das chamadas massas; analisar como esses mesmos instrumentos tecnológicos de poder foram usados pelo partido *Ingsoc*; identificar os saberes que foram produzidos a partir destas técnicas de disciplina. Objetivo geral: como acontece, de fato, o poder disciplinar na obra e qual a sua relação na formação subjetiva do sujeito.

Ao atentarmos para uma leitura crítica do romance, *1984*, constatam-se múltiplas possibilidades de análises que tangem os campos da política, da economia, da justiça, da família, além de outros. Percebe-se, ainda, que as formas como ocorrem as construções discursivas que favoreceram, de certo modo, ao domínio massivo da

população, na obra, estão entrelaçadas entre os campos citados acima (aqui chamados de tecnologias de poder) e o sujeito.

Os estudos foucaultianos nos auxiliam nas condições discursivas com o intuito de compreendermos o funcionamento da disciplina em situações reais. Como fonte facilitadora para a nossa investigação, tomamos como objeto alvo de investigação o gênero romance, por possuir um caráter análogo à realidade. “Mesmo que o romance retrate uma sociedade fictícia, ela provoca questionamentos acerca da nossa “ilusão” de liberdade, da questão da verdade, da privacidade e outros elementos que nos perpassam e constituem” (TIAGO, 2015, p.11).

Tal pesquisa poderá ser útil a comunidade acadêmica que deseja fazer análises a respeito dessas ou outras categorias de poder presentes no romance e que podem se manifestar, também, em nosso contexto real. Entender o funcionamento desses poderes torna-se importante não somente por nos propor uma reflexão a respeito de como se constituiu as instituições que exercem normas/poder sobre a sociedade, como também de levar um entendimento do impacto dessas mesmas instituições para construção de nossa subjetividade.

O referido trabalho fez-se uso de uma pesquisa do tipo explicativa que, nas palavras de GIL (2010, p. 28):

têm como propósito identificar fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência de fenômenos. Estas pesquisas são as que mais aprofundam o conhecimento da realidade, pois têm como finalidade explicar a razão, o porquê das coisas.

Ao analisarmos a obra, *1984*, direcionamos o nosso foco para os fenômenos institucionais que foram cruciais em determinar normatizações facilitando o controle íntegro dos corpos dos indivíduos. Esses fenômenos identificados, ainda na literatura, podem ser constatados também no mundo real e permitir uma melhor compreensão dos padrões comportamentais do corpo e da mente do sujeito.

A abordagem dos dados pelas quais a pesquisa foi aplicada refere-se a um método qualitativo quando “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p.31).

Como já foi explicado, a intensão do trabalho não está relacionada a um estudo sistematicamente numeral ou algo que se assemelhe a isso, mas de procurar

compreender as relações entre instituições sociais e o sujeito através da literatura, ou seja, estamos interessados apenas na materialidade do texto literário para entender o modo como a narrativa apresenta instrumentos tecnológicos e discursivos responsáveis por revelar uma disciplina que visa tanto a docilização dos corpos quanto a transformação destes em uma sociedade útil ao Estado

O desenrolar da investigação ocorreu mediante um procedimento bibliográfico, quando, segundo Fonseca (2002, p. 32) citado por Silveira e Córdova (2009, p.37):

é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta

Nesta linha, obras do próprio Michel Foucault como o *Vigiar e Punir: História da violência nas Prisões* (1975); *Microfísica do poder* (1979), bem como artigos científicos publicados que fazem referência a filosofia foucaultiana, como *Foucault: O poder disciplinar e o direito ao corpo* (2014), a dissertação de mestrado de Héllen Tiago “*Poder por amor ao poder*”: *uma análise discursiva das relações de poder em 1984, de George Orwell* (2015), serão nosso alicerce na composição deste trabalho.

Visando uma melhor objetivação da pesquisa, resolvemos elaborar uma sequência de tópicos que nos facilitarão no desdobramento da investigação: O tópico 2 deste trabalho, *Foucault e Orwell: Da relação entre as Práticas Discursivas e o Poder, a obra surge*, pretendemos contextualizar alguns dos fatos históricos e sociais que marcaram a vida do escritor George Orwell e que refletiu conseqüentemente na criação de sua obra. Para isso, tomaremos como base alguns dos postulados foucaultianos como a própria análise de discurso e um breve estudo acerca das relações do poder. Por conseqüente, no capítulo 3 intitulado *A Disciplina como instrumento de docilização e produção de subjetividades*, focaremos na própria análise literária da obra, realizando, por meio dela, uma investigação da relação entre as produções de saberes, o dispositivo de poder e a disciplina como instrumento que (re)constróem subjetividades. Por fim, ao concluirmos a nossa análise esperamos ter conseguido, se não responder, mas ao menos, levar à luz aos questionamentos que surgiram na introdução do trabalho.

## 2 FOUCAULT E ORWELL: DA RELAÇÃO ENTRE AS PRÁTICAS DISCURSIVAS E O PODER, A OBRA SURGE

É importante que fique claro o método escolhido para realização desta pesquisa. Aqui, não iniciaremos diretamente na obra, optamos por, primeiramente, analisar as causalidades discursivas ocorridas na vida do escritor, George Orwell, que refletiram conseqüentemente na construção discursiva do romance *1984*.

A análise do discurso de Michel Foucault torna-se relevante neste segundo capítulo por estabelecer um estudo que, juntamente com materialidade literária, põe em caráter primordial os elementos sociais e históricos que moldam e constitui os objetos.

Tal procedimento de estudo que usamos se baseia, também, nas afirmações de Antonio Candido (2000) que procuram interligar Literatura e Sociedade, mostrando que o contexto de produção de uma obra tem papel relevante para seu entendimento. Unindo os dois pensamentos dos estudiosos elencados aqui, entendemos que cada acontecimento social e histórico, por exemplo, são alguns dos fatores que constituem enunciados e interferem na construção subjetivas dos sujeitos criando-se, assim, discursos.

Vale ressaltar que a (re) produção discursiva não se restringe a estes dois elementos supracitados, sociedade e história, há, portanto, uma série de outras condições específicas responsáveis por essa tarefa. Essas tais condições são chamadas por Foucault de funções enunciativas que nas palavras de Héllen Tiago (2015, p. 30).

São as condições que possibilitam a existência de um determinado enunciado. Desse modo, Foucault considera o enunciado como função, ou seja, como algo efetivamente produzido por um sujeito, em determinados lugares institucionais, regulado por regras sócio-históricas que definem e implicam uma dada posição-sujeito, marcada por características específicas: referencial, sujeito, domínio associado e materialidade repetível.

O objeto discursivo a ser analisado, ou seja, a obra literária, é fruto de um conjunto de vários outros componentes enunciativos. Não interessa para a análise do discurso foucaultiana apenas os elementos restritamente linguísticos, as construções frasais da obra, por exemplo, pois elas são entendidas como uma matéria discursiva,



e sendo ela uma matéria, pode ser reproduzida em qualquer tempo ou por qualquer indivíduo. Essa matéria, Foucault chama de *Materialidade repetível* (2009, p.115) e sua importância é estabelecida por proporcionar “condição para que uma sequência de elementos linguísticos possa ser considerada e analisada como enunciado” (Gregolin, 2004, p.31). Em suma, restringir toda uma produção de discurso a fatores tão somente linguísticos ou material exclui todo um fator histórico e social e toda uma posição do sujeito, enquanto ser ativo na economia, da política e enquanto um ser pensante que estar inserido nessa relação de poder através das diversas práticas discursivas, pertence.

Entendemos, deste modo, que a produção discursiva é definida como uma rede que necessita de condições enunciativas e que “em todas as sociedades a produção de sentido é regulada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjugar seus poderes e perigos”, como afirma Foucault (2000, p.12) no trabalho de Héllen Tiago (2015, p.26.)

Em outras palavras, devemos pensar que não se pode dizer qualquer coisa por qualquer pessoa, em qualquer lugar ou tempo, pois tudo pertence há uma rede <sup>1</sup>de relações enunciativas. Toda essa relação é responsável por estabelecer poderes e por ditar verdades e os sujeitos se constituem a partir dessa relação discursiva e de sua posição ocupada dentro desse jogo de relações.

Héllen Tiago (2015, p.33) elucida muito bem essa questão de Michel Foucault tratar o “discurso como um conjunto de enunciados que foram efetivamente produzidos em um dado momento, considerando as leis e as regras de aparecimento que possibilitam a emergência de um dado discurso” e ratifica essa explicação com as palavras do próprio Michel Foucault em seu texto, *A Ordem do Discurso*, quando o próprio filósofo diz:

O discurso nada mais é que um jogo, de escritura, no primeiro caso, de leitura no segundo, de troca no terceiro, e essa troca, essa leitura e essa escritura jamais põem em jogo senão os signos. O discurso se anula assim, em sua realidade, inscrevendo-se na ordem do significante. (FOUCAULT, 2006. p.49)

---

<sup>1</sup> O texto “O quadro atual da Análise de Discurso no Brasil” da professora Maria Cristina Leandro FERREIRA, publicado na revista eletrônica *Letras*, em 2003, explica com maior compreensividade a metáfora da Rede discursiva.

“A rede, como um sistema, é um todo organizado, mas não fechado, porque tem os furos, e não estável, porque os sentidos podem passar e chegar por essas brechas a cada momento. Diríamos, então, que um discurso seria uma rede e como tal representaria o todo; só que esse todo comporta em si o não-todo, esse sistema abre lugar para o não-sistêmico, o não-representável.” (FERREIRA, 2003, p. 44)

É notória a importância em aqui tratar das relações históricas e espaciais, por exemplo, pois são esses e outros elementos que, como já dito aqui, fazem parte da construção de discursos, e sendo construções de discurso, moldam a nossa subjetividade. Não nos construiríamos como sociedade se não fosse a nossa participação direta e nossa posição ocupada enquanto sujeitos operantes na esfera social, política e econômica. Essa participação é responsável em criar enunciados, discursos, verdades, estabelecem poderes sobre essas verdades e, conseqüentemente, criam-se, assim, disciplinas que moldam os corpos e a subjetividade dos sujeitos.

Se pensarmos em nossa obra literária, quais as condições que fizeram com que o autor G.W (George Orwell). criasse a distopia *1984*? Quais foram os espaços de poderes de sua época que foram capazes de constituir sua subjetividade refletindo, conseqüentemente, em sua obra?

Foucault em *A Arqueologia do Saber*, publicada pela primeira vez em 1969, levanta questionamentos importantes a respeito desse conjunto de condições que possibilita o aparecimento discursivo. Segue o filósofo (2009, p. 30):

Eis a questão que a análise da língua coloca o propósito de qualquer fato de discurso: segundo que regra um enunciado foi construído e, conseqüentemente, segundo que regras outros enunciados semelhantes poderiam ser construídos? A descrição de acontecimentos do discurso coloca uma outra questão bem diferente: como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?

Evidenciamos, neste momento a concepção de acontecimentos discursivo, a qual não nos interessa saber a origem de um determinado discurso, mas de analisar os fatores responsáveis por fazer determinados enunciados emergirem invés de outros em seu lugar. O método arqueológico foucaultiano nos dá, portanto, subsídios para tentarmos, por meio de uma análise social e histórica, compreender os porquês da construção discursiva orwelliana.

De maneira objetiva, procuramos definir esse método arqueológico a partir da adaptação textual da professora Maria do Rosário Gregolin (2008) sobre o texto “Michel Foucault explica seu último livro” (2000). O filósofo, quando questionado sobre o porquê de o método ser chamado de “Arqueologia”, explica:

de maneira um pouco cega, usei “arqueologia” para designar uma forma de análise que não seria efetivamente uma história, nem uma epistemologia;

- mais racionalmente, com “arqueologia” quis dizer: descrição do arquivo. Por arquivo entendo o conjunto de discursos efetivamente pronunciados (um conjunto de acontecimentos que aconteceram um dia mas que continuam a funcionar, a se transformar através da história, possibilitando o surgimento de outros discursos)<sup>2</sup>

Desta forma, o método arqueológico pode ser compreendido como um efeito de análise do arquivo, ou seja, o que Michel Foucault propõe é desenvolver um novo método de análise do discurso. Segundo ele, é descrevendo o arquivo que poderemos, então, analisar o discurso.

Antes mesmo da publicação do romance, foco de nossa pesquisa, *1984*, ocorreram diversos acontecimentos que findam a construção subjetiva do autor, G.W (George Orwell) e que refletem na produção de sua obra.

Eric Arthur Blair não é um nome familiar ao grande público. Ele nasceu nas Índias Britânicas e teve uma participação voluntária na Guerra Civil Espanhola, sendo militante do Partido Operário de Unificação Marxista. Durante o confronto, foi alvejado na garganta e ficou com a fala prejudicada. Apesar de não ser um autor conhecido, seu pseudônimo, George Orwell, influenciou e ainda exerce influência na literatura, cinema e cultura popular. Com uma produção literária de ensaios e poemas, Orwell foi reconhecido principalmente por seus romances, em especial *A Revolução dos Bichos* e *1984*. (LAIGNIER, MARTINS, 2010, p.1)

George Orwell (1903-1950) viveu em um período conhecido por grandes revoluções, principalmente tecnológicas e bélicas, uma vez que durante sua vida, ocorreram duas grandes guerras mundiais (1914-1918 e 1939-1945).

Encontramos, também, no texto de Héllen Tiago (2015, p. 43) uma importante parte de biografia de George Orwell onde a autora elucida o momento pós-guerra que precedem a criação do romance *1984* ratificando nas palavras de Pavloski (2005, p.05) a participação direta de George Orwell na Guerra Espanhola a qual filia-se a um partido político por base marxista antistalinista, mas retira-se da batalha por acabar

---

<sup>2</sup> Essa citação foi tirada do site do Grupo de Estudo de Análise do Discurso – Araraquara (GEADA) da Universidade Estadual de São Paulo (Unesp). **Texto adaptado a partir de:**

**“Michel Foucault explica seu último livro” (entrevista com J.J. Brochier). Magazine littéraire, n. 26, abril-maio de 1969, p. 23-25. Traduzido em Ditos e Escritos II . Forense Universitária, 2000.**

Disciplina Análise do Discurso. Profa. Maria do Rosario Gregolin, UFAC, 2008 Texto elaborado pela professora para a disciplina. Disponível em: <http://geadaararaquara.blogspot.com/2017/02/cinco-respostas-de-foucault-sobre.html>. Acesso em: 25 out. 2020

sendo gravemente ferido. Segue Pavloski, (2005, p.05) citado no trabalho de Héllen Tiago (2015, p. 44):

Esse infeliz incidente na Espanha parece-nos essencial para a solidificação da perspectiva crítica do autor, que redonda na escrita de 1984 quase dez anos depois, sendo importante salientar que a obra representa uma crítica aguda a estruturas políticas totalitárias de todos os tipos. O enredo se desenvolve numa sociedade que pratica o totalitarismo de direita, mas que ao mesmo tempo apresenta claramente características totalitárias de esquerda. As semelhanças com o regime de Josef Stalin não podem passar despercebidas. Como Stalin, o governo da Oceania reúne aspectos comuns ao autoritarismo fascista, o qual glorifica a sabedoria do líder político maior, e ao autoritarismo comunista, que prevê a incontestável eficiência do Partido. Além disso, ações governamentais como os Planos Trienais e os campos de trabalho forçado são alusões a dispositivos do regime stalinista. Não obstante o seu desejo idealista de combater os nazistas, Orwell tem o seu alistamento negado na Segunda Guerra Mundial devido à sua precária saúde, sendo forçado a trabalhar apenas como repórter para uma agência de informações britânica. Diante de sua impossibilidade física, o autor substitui a farda pela pena, dedicando-se entre 1940 e 1945 à escrita de ensaios políticos, que lhe dão o prestígio de um crítico consciente e duro.

Seu romance *1984* surge entre os anos 1944 a 1948, mas só é publicado em 1949. O cenário histórico e espacial vivenciado pelo autor durante a criação da obra era de uma Europa tomada por destruição ocasionada durante a Primeira e Segunda Guerra Mundial. A saúde física e psicológica do autor encontrava-se debilitada, tanto pelo fato de ter acabado de perder sua esposa, oriunda de uma cirurgia malsucedida, como também de ser acometido por uma grave tuberculose.

Finda-se, assim, o aparecimento do romance distópico: do caos pós-guerra, das aflições pessoais e sociais vivenciadas pelo próprio autor, George Orwell, além do terror ao surgimento de um novo regime totalitário nazifascista que viesse a controlar minuciosamente os corpos e a mente dos cidadãos.

Para entendermos o significado do termo “distopia<sup>3</sup>” devemos ter em mente que esse conceito surgiu a partir de uma contraposição a uma outra ideia: Utopia. Parafraseando as palavras de Carla Milani Damião em seu artigo *Quem é o Grande Irmão? - sobre a ideia e a características culturais do programa televisivo Big Brother*,

---

<sup>3</sup> Como não é o foco do nosso trabalho nos aprofundar nos conceitos de utopias e distopias, sugiro, para melhor compreensão destes, a leitura do artigo de Carolina Dantas de FIGUEREDO, intitulado “Da utopia à distopia: política e liberdade” publicado em 1982, pela revista *Etonomia*. No texto, a escritora traz reflexões importantes acerca das configurações destes conceitos como sistema político e, é claro, como é tratada, nesses romances, a questão da liberdade do sujeito.

publicado em 2002 , a utopia é basicamente uma idealização de uma sociedade que beira a sua total perfeição. A distopia é o seu inverso. Assim:

A diferença seria que, nessa sociedade, o homem perderia a sua completa identidade pessoal e sofreria um controle tirânico exercido pelo poder político do Estado. Outro filósofo inglês, Thomas Hobbes (século XVII), utilizou um nome para esse controle e poder absoluto do Estado, no qual o indivíduo é apenas parte constituinte, simbolizado como integrante do corpo de um monarca gigante. (DAMIÃO, 2002, p.60)

As previsões pessimistas do autor George Orwell, podem ser observadas na leitura que Héllen Tiago (2015, p. 43) faz do texto do escritor inglês:

Em parte, a razão deste fato residia na impossibilidade dos governos do passado manterem sob constante vigilância os seus cidadãos. A invenção da imprensa, contudo, tornou mais fácil manipular a opinião pública, processo que o filme e o rádio levaram além. Com o desenvolvimento da televisão, e o progresso técnico que tornou possível receber e transmitir simultaneamente, menos cada cidadão suficientemente importante para merecer espionagem, passou a poder ser mantido vinte e quatro horas por dia sob os olhos da polícia e ao alcance da propaganda oficial, fechados todos os outros canais de comunicação. Existia pela primeira vez a possibilidade de fazer impor não apenas completa obediência à vontade do Estado como também completa uniformidade de opinião em todos os súditos.

O romance *1984* é a personificação das aflições futurísticas de George Orwell ao regime político totalitário. O próprio título do livro remete ao futuro, uma vez que a obra havia sido finalizada em 1948. Nesse jogo com a ordem numérica, podemos ver a projeção que o escritor inglês busca destacar, mostrando como possivelmente seria o futuro. Sobre o título da obra, destacamos o seguinte:

Nesse ponto nos aproximamos mais da ideia do programa e do porquê da escolha do nome. Mas, para não pularmos uma de nossas questões iniciais, lembremos quem foi o autor dessa visão tão pessimista de mundo. Brevemente, Orwell [...]foi jornalista e escritor, duramente criticado pela esquerda, que enxergava, em seus escritos, uma crítica ao modelo stalinista de socialismo e acusado de ser propagandista da Guerra Fria em prol do capitalismo, é claro. Essa versão procede da crítica que Orwell faz ao modelo stalinista. Seu outro livro de sucesso, *A Revolução dos Bichos*, é uma sátira da revolução soviética, e a imagem do Big Brother estampada nos cartazes lembraria Stalin. Em sua defesa, deve-se lembrar que ele próprio era um socialista, porém detestava desonestidade e propaganda. Criticava fortemente o modelo de socialismo implantado por Stalin, e chegou a demonstrar esse descontentamento ao participar ativamente da Guerra Civil na Catalunha, Espanha, em

1936, ao lado de trotskistas, anarquistas e anti-stalinistas em geral. Para ele, arte, ética e política deveriam estar interligadas. Por pensar assim, ao escrever sobre a pobreza, transforma-se ele próprio em mendigo, percorrendo países como a Inglaterra e a França (DAMIÃO, 2002, p.63)

Ambientada na Inglaterra, a ficção de Orwell relata uma sociedade tomada por um regime político totalitário que se emerge após sucessivas guerras entre outras potências mundiais. O Estado, então, desenvolve diversas tecnologias de controle para formar uma ideologia capaz de disciplinar o corpo e a mente da população. A guerra, que antes tinha como alvo do Estado o inimigo externo, passa a ser uma desculpa para evitar o contato da população com outros regimes políticos. Após as duas grandes guerras mundiais, eis que surge três superestados quem controlam todo o mundo: Eurásia, Oceania e Lestásia:

A Eurásia compreende toda a parte do continente europeu e asiático, de Portugal ao estreito de Bering. A Oceania compreende as Américas, ilhas do Atlântico, inclusive Britânicas, a Austrália e a parte meridional da África. A Lestásia, menor que as outras, de fronteiras ocidentais menos definidas. Compreende a China e os países ao sul da China, ilhas do Japão e uma grande, porém cambiante porção da Mandchúria, da Mongólia e do Tibé. (ORWELL, 1996, p. 174)

Todas as três superpotências possuem um sistema político, econômico e social bastante semelhantes umas das outras. Todavia, não é permitido a nenhum cidadão ter conhecimento algum sobre as condições de vida do Estado inimigo. Havia entre eles, Eurásia, Oceania e Lestásia, uma alimentação ideológica constante de ódio entre seus cidadãos e os cidadãos do Estado vizinho. Não se sabia ao certo o porquê do ódio da população da Eurásia à população da Oceania, por exemplo, mas havia a necessidade de se odiarem:

Dado estes esclarecimentos, pode-se inferir, se já não se conhece, a estrutura geral da sociedade oceânica. No alto da pirâmide esta Grande Irmão. O Grande Irmão é infalível e onipotente. Cada sucesso, realização, vitória, descobrimento científico, toda sabedoria, sapiência, virtude, felicidade, são atributos diretamente à sua liderança e inspiração. Ninguém nunca viu o Grande Irmão. É uma cara nos tapumes, uma voz nas teletelas. Podemos ter a razoável certeza de que nunca morrerá, e já existe considerável incerteza sobre a data em que nasceu. O Grande Irmão é a forma em que o Partido resolve se apresentar. Sua função é de ponto focal para o amor, medo reverência,

emoções que podem mais facilmente ser sentidas em relações a um indivíduo do que uma organização. Abaixo o grande irmão, vem o Partido Interno, vem o Externo, que pode ser chamado como mãos do estado. Abaixo dele vem a massa muda, a que nos referimos habitualmente por “proles” e que talvez constitua oitenta e cinco por cento da população (ORWELL, 1996, p. 195).

A filosofia de cada Superestado também se assemelha. Enquanto que na Oceania havia a chamada *Ingsoc*, na Eurásia possuíam a chamada *Neobolchevismo* e na Lestásia havia a *Obliteração do Ego*, todos os partidos totalitários com os mesmos princípios, a mesma estrutura social e política:

Por toda parte há sempre a mesma estrutura piramidal, a mesma adoração de um chefe semidivino, a mesma economia que existe para a guerra contínua. Segue-se que os três superestados não só podem vencer um ao outro, como não levariam vantagem se o fizessem. Ao contrário, enquanto continuarem em conflitos, amparam-se uns aos outros, como três fuzis num sarilho. (ORWELL, 1996, p. 185)

O sentido alavancado por um dos lemas do partido Ingsoc *Guerra é Paz*, tanto tratado na obra, explica-nos o a necessidade da guerra contínua. Não há por parte dos três superestados a necessidade de uma violação entre eles. Os três superestados são três universos separados, sem influência externa. Portanto, a necessidade maior por parte dos respectivos regimes totalitários é de manter a estrutura social. O estado de guerra contínua garante tanto o consumismo econômico como também conserva a estrutura mental exigida por uma sociedade hierárquica. Daí o sentido *Guerra é paz*:

A guerra é travada, pelos grupos dominantes, contra seus próprios súditos, e o objetivo não é conquistar territórios, nem impedir que os outros o façam, porém, manter intacta a estrutura da sociedade. Daí o se haver tornado equívoca a palavra “guerra”. Seria provavelmente correto se dizer que a guerra deixou de existir ao se tornar contínua. (ORWELL, 1996, p.187)

O período que viabilizou avanço tecnológico, na sociedade do Grande Irmão, proporcionaria, de certa forma, um momento de conciliação entre a criação das máquinas e o bem-estar da população. Ou seja, quanto mais ia-se avançando a tecnologia e as máquinas, mais seria possível que a população trabalhasse menos e usufruísse de outras atividades de lazer. A guerra contínua é um instrumento tecnológico usado pelo Estado cujo o intuito é consumir boa parte da produção dessas

máquinas forçando, então, à estagnação ou recessão na qualidade de vida da população. Sem tecnologia à serviço das pessoas, conseqüentemente, sem qualidade de vida para elas. Assim, O estado deplorável em que as pessoas vivem, no romance, é capaz de garantir, ainda, uma sensação de esperança ao Estado de dias melhores pós-guerra.

Todos os três superestados possuem seus respectivos líderes ditadores. Na Oceania, foco de todo o cenário do romance, o *Grande Irmão* é entendido, até então, como sendo, sozinho, o responsável por toda esse controle social por meio de diversos meios e dispositivos. Um desses dispositivos são as chamadas *teletelas*, uma espécie de televisor interativo em que o sujeito que lhe assiste também é assistido, ou melhor, vigiado. Não há nenhuma privacidade na sociedade criada por George Orwell. Em todo os lugares havia sempre algum cartaz da figura do Grande Irmão com dizeres “O Grande Irmão zela por ti” (ORWELL, 1996, p.7). Todos os cidadãos são constantemente vigiados, em todos lugares e cômodos da casa, tanto pelas teletelas como também pelas próprias pessoas. Todos vigiavam-se e denunciavam-se uns aos outros à chamada *Polícia do Pensamento*, instituição do governo capaz de vigiar e punir os transgressores do partido. Qualquer expressão facial, desvio de comportamento, na rotina, até mesmo uma palavra falada inconscientemente enquanto o sujeito dormia, era estudada pela polícia do pensamento através das teletelas e poderia ser considerada como *crimideia* (crime de ideia), levando à execução do sujeito, ou melhor explicando, à vaporização dele, uma vez que o sujeito condenado à morte por *crimideia* muitas vezes tinha os seus registros de existência apagados da história pelo partido. Era como se o sujeito nunca tivesse existido.

Outro recurso usado pelo partido no controle do corpo e mente da população visava a redução do vocabulário linguístico, criando-se, assim, a *Novilíngua* (Nova Língua). Como é sabido, os seres humanos possuem uma capacidade de simbolizar muito grande. Um dos meios eficientes nesta simbolização, ou melhor, na representação da realidade e do nosso pensamento, é por meio das palavras. Nos comunicamos e interagimos por meio de palavras. Quanto mais palavras em nosso léxico, mas rico será a nossa representação da realidade e, conseqüentemente, mais clara será, também, a representação do nosso pensamento. A *Novilingua* (Nova



Língua) consistia em inibir o pensamento da população com a estratégia de reduzir cada vez mais o repertório linguístico da população.

Quanto ao modo organizacional, a política governamental do partido *Ingsoc* se estruturava a partir de quatro ministérios. O primeiro é conhecido como Ministério da Verdade, o segundo é chamado de Ministério da Paz, o terceiro era conhecido como Ministério do Amor e o último como Ministério da fortuna:

O Ministério da Verdade, que se ocupava das notícias, diversões, instruções e belas-artes; o Ministério da Paz que se ocupava da guerra; o Ministério do Amor, que mantinha a lei e a ordem e o ministério da Fatura, que acudia às atividades econômicas. Seus nomes, em Novilíngua: Miniver, Minipaz, Miniamo e Minifarto. (ORWELL, 1996, p. 10)

O nosso personagem principal do romance se chama Winston Smith e ele trabalhava no Departamento de Registros dentro do Ministério da Verdade. Sua função era, basicamente, reescrever ou vaporizar notícias, informações, documentos que não estavam de acordo com os interesses do partido. Através desse departamento, o passado da sociedade é constantemente reescrito fazendo com que os cidadãos não consigam mais lembrar da história antes do surgimento do partido. Se não há lembranças, entre as pessoas, da vida antes do surgimento do partido, conseqüentemente, comparações de melhorias entre o antes e o depois, por exemplo, seria impossível. A verdade, segundo essa perspectiva, era dita pela instituição, pelo partido, e quem se opusessem a ela desaparecia por completo. Sobre a mudança constante do passado, em específico, a narrativa nos apresenta:

A alteração do passado é necessária por duas razões, uma das quais é subsidiária e, por assim dizer, precatória. A razão subsidiária é de que o membro do Partido, com o proletário, tolera as condições atuais em parte por não possuir padrões da comparação. Deve ser isolado do passado, da mesma forma que deve ser isolado do estrangeiro, porque lhe é necessário crer que é melhor que os ancestrais e que o nível médio de conforto material sobe constantemente. Todavia, a razão mais importante para o reajuste do passado é a necessidade de que se modifiquem discursos, estatísticas e registros de todo o gênero para demonstrar que as predições do Partido são sempre certas. É que não se pode admitir, jamais, nenhuma modificação de doutrina ou agrupamento político. Mudar de ideia, ou de política, e confessar fraqueza. (ORWELL, 1996, p. 199)

O controle do passado faz com que os cidadãos creiam que durante todo o momento o Partido sempre foi detentor da verdade, e sempre esteve correto em relação a tudo: notícias, tomadas de decisões, previsões orçamentárias, enfim, tudo. A população, desta forma, para de pensar por si, de questionar, e passa apenas em aceitar o discurso do partido. Para auxiliar no controle do passado, temos a técnica do *duplipensar*, palavra que se refere ao “controle da realidade”:

Duplipensar quer dizer a capacidade de guardar simultaneamente na cabeça duas crenças contraditórias, e aceitá-las ambas. O intelectual do Partido sabe em que direção suas lembranças devem ser alteradas; portanto sabe que está aplicando um truque na realidade; mas pelo exercício do *duplipensar* ele se convence também de que a realidade não está sendo violada. O processo tem de ser consciente, ou não seria realizado com precisão suficiente, mas também deve ser inconsciente, ou provocaria uma sensação de falsidade e, portanto, de culpa. O *duplipensar* é a pedra basilar do Ingsoc, já que a ação essencial do Partido é usar a fraude consciente ao mesmo tempo que conserva a firmeza do propósito que acompanha a honestidade completa. (ORWELL, 1996,p.200)

Winston Smith, por trabalhar no departamento de registro do Ministério da Verdade, ainda lembrava de alguns fatos históricos, lembrava também das contradições do partido, do país que estiveram em guerra antes de mudar abruptamente o novo inimigo, das mentiras relacionadas à economia e da condição de vida considerada boa antes do partido tomar o poder. Esse conhecimento faz com que o nosso protagonista desenvolva uma certa revolta contra o partido e contra a entidade chefe do partido o “Grande Irmão”. Limitava-se a desabafar essa revolta, escrevendo escondido em seu diário em um cômodo da casa em que a teletela não alcançava. “Abaixo ao Grande Irmão”.

A falta de privacidade, do contato físico entre as pessoas, entre outros problemas, desperta em Winston uma certa resistência contra o próprio partido. Uma das tantas ações consideradas como uma afronta pelo *Ingsoc* é justamente resgatar o passado e Winston, posteriormente, tenta fazer isso, mesmo temendo ser descoberto. O personagem começa a procurar pessoas mais velhas que tenham alguma lembrança de como era a vida antes do partido, e ratifica que tudo era mesmo bem melhor do que agora, mas não sabia como mudar aquela realidade.

Dentre algumas pessoas que Winston conhece nesta jornada de rebelião é uma jovem chamada Júlia, companheira de trabalho no Ministério da Verdade, mais especificamente do *Departamento de ficção*, e por quem, conseguinte, ele se apaixona. Os dois começam a se encontrar às escondidas e iniciam ali uma relação amorosa e sexual. Dentre os lugares mais visitados pelo casal a procura de privacidade temos uma velha loja, tipo um antiquário. O dono da loja, sr. Charrington, oferece-lhes um quarto no cômodo acima da loja.

Vale lembrar que o sexo como atividade de prazer e de demonstração amorosa era proibido pelo partido, pois o único alvo merecedor de amor e adoração a todos os cidadãos era a figura do Grande Irmão. O sexo, na ideologia do partido, deveria ser algo restrito exclusivamente para fins de procriação. Para ajudar o partido nessa tarefa, havia de ser ensinado nas escolas abstenção sexual e intensificado na adolescência por *Movimentos juvenis* e *Ligas Juvenis Anti-Sexo*:

- Quando amas, gastas energia; depois, ficas contente, satisfeito e não te importas com coisa alguma. Eles não gostam que te sintas assim. Querem que estoures de energia o tempo todo. Todo esse negócio de marchar para cima e para baixo, dar vivas, agitar bandeirolas, é sexo que azedou. Se estás contente contigo mesmo, por que havias de admirar o Grande Irmão, os Planos Trienais, e os Dois Minutos de Ódio e todo o resto da maldita burrice? (ORWELL, 1996, p 126).

O casal se conhece um grupo maior de conspiradores chamado de Fraternidade, liderado pelo principal opositor do Grande Irmão, *Emmanuel Goldstein*, até então desaparecido. Um dos aparentes integrantes do grupo de conspiradores contra o Grande Irmão é, justamente, um membro do partido interno do *Ingsoc* chamado O'Brian, que auxilia Winston e Julia a se aliarem à resistência.

Graças a O'Brian, Winston e Julia tomam posse de um livro contendo toda a explicação de como o Partido consegue manipular os corpos e a mente da população, como surgiu a ideia da tomada do poder e do controle social, e qual o objetivo central do Grande Irmão. Pouco tempo após iniciarem a leitura do livro (que não tinha outro nome de identificação que não seja esse: *O livro*) o casal é pego pela Polícia do Pensamento, a qual tinha como agente disfarçado o dono da loja em que o casal se hospedara, o sr. sr. Charrington.

Depois da prisão, Winston e Julia são separados e levados para o prédio do Ministério do Amor. Este prédio é responsável por realizar torturas físicas e psicológicas (lavagem cerebral) nos militantes/conspiradores. Essas ações de torturas duram até a sua recuperação ou possível execução dos presos.

Como o Partido tinha informações acerca de praticamente tudo sobre os cidadãos, naturalmente ele conhecia muito bem os medos e desejos de cada sujeito e fazia uso desse conhecimento para extrair informações a ponto de fazê-los delatar seus companheiros. E com o Winston não foi diferente. Após sucessivas seções de tortura físicas, a mais terrível era a tortura psicológica que ficava numa sala chamada de 101. As agressões eram tão intensas que faziam com que os sujeitos perdessem a noção da natureza lógica. Se o partido assim desejasse que o prisioneiro entendesse que o somatório de  $2+2$  seria igual a 5, eram realizados sucessivos processos de lavagem cerebral até que o indivíduo acreditasse, de fato, que o resultado era 5 e não, 4.

Foi, então, na sala 101 que o Winston enfrentou seu pior medo: Ratos. Tais animais eram usados em uma espécie de gaiola aberta contra o rosto do personagem. Não aguentando mais, Winston grita para que toda aquela tortura fosse feita à sua amada Júlia. O pedido era a prova de que o Partido conseguiu fazer com que o prisioneiro traísse a todos, até mesmo a pessoa a quem mais amava, Júlia.

Nas últimas passagens do romance, Winston, no que parece ser uma custódia, está no café Castanheira. Neste ambiente encontra, ocasionalmente, Júlia e confessa traição. Ambos, na verdade, confessam respectivas traições durante o momento em que estiveram na sala 101:

- Eu te traí – disse ela, sem rodeios.

- Eu te traí – disse ele também.

Júlia lançou outro olhar de repugnância.

- Às vezes – disse ela – ameaçam a gente com uma coisa... com que não se pode aguentar, não se pode nem pensar. E então a gente diz: “Não faça isso comigo, faça com outra pessoa, faça com Fulano e Sicrano”. Mais tarde, talvez finjas que se tratava apenas de um stratagema, mandar que fizesse a outro, e que não era a sério. Mas não é verdade. Na hora que acontece a gente fala sério. Pensa que não há outro jeito de se salvar, e se dispõe a salvar-se daquele modo. A gente *quer* que a coisa aconteça ao outro. Não se importa que sofra. Só importa a gente. Só nós temos importância.

- Só nós temos importância – repetiu ele.

- E depois disso, já não se sente o mesmo pela outra pessoa.
  - Não – concordou ele – já não se sente o mesmo.
- (ORWELL, 1996, p.272).

Após esse momento, Winston entra em um sonho bem-aventurado, enquanto toma uma bebida chamada de gim, sorri. A partir de agora era tudo paz “tudo ótimo, acabara a luta. Finalmente lograva a vitória sobre si mesmo. Amava o Grande Irmão” (ORWELL, 1996, p. 277). Assim, termina o romance.

Como se percebe na obra, há uma obsessão por parte do Partido no exercício do poder, como é exposto por O’ Brien, representante do Ingsoc durante o interrogatório de Winston: “ Não estamos interessados no poder. Nem na riqueza, nem no luxo, nem em longa vida de prazeres: apenas no poder, poder puro. ” (ORWELL, 1996, p.244). A figura do Grande Irmão parece ser apenas uma forma de apresentação ou consolidação do totalitarismo do Partido. Há sempre uma preocupação no controle da mente e do corpo das pessoas e, para isso, lançam mão de táticas disciplinares. Se atentarmos a própria figura do Grande Irmão, a entidade representa uma proteção ao zelo do Partido para com a população da Oceania.

Ratificando a importância em aqui trazer a Análise Discursiva foucaultiana no entendimento do aparecimento do enunciado de George Orwell, compreendemos, por meio dela, o desenrolar de todo o cenário social e histórico que foi responsável pelo aparecimento da narrativa da obra e do porquê não apareceu qualquer outra em seu lugar.

No capítulo seguinte, entenderemos como funciona toda essa relação de poder na sociedade orwelliana por meio da disciplina. Como esse poder disciplinar que controla o corpo e a mente da população através de uma organização do espaço social, do controle do tempo, da vigilância permanente e do registro contínuo do conhecimento é responsável pela formação de subjetividade.

### 3 A DISCIPLINA PRESENTE NAS INSITUIÇÕES DE PODER E A CONSTRUÇÃO SUBJETIVA DO SUJEITO

A obra de George Orwell, 1984, nos evidencia uma temática muito diversificada a respeito das constituições de subjetividade por meio de tecnologias políticas e sociais. Essas tecnologias se fazem presente em toda a camada social do macro (Estado atuando no sujeito) ao micro (o próprio corpo do indivíduo, por exemplo, atuando nas relações sociais) e atuam no desenvolvimento dos padrões comportamentais e mentais do sujeito tendo como eixo norteador o poder. Essa força chamada de poder relaciona toda uma construção discursiva por meio de uma vontade de verdade, e dita, dentro do sistema social, o que é certo ou errado, ou o que é normal e o que é considerado anormal.

Observamos ainda na obra distópica de Orwell que esse exercício de poder possui um objetivo centralizador, que é o de manter a estrutura social, política e econômica por meio de um regime totalitário. Esse regime faz uso, justamente, de uma técnica de controle social chamada de Disciplina.

A disciplina ou poder disciplinar foi bastante estudada pelo Filósofo Francês Michel Foucault com o intuito de entender melhor essa relação de produções de padrões comportamentais no favorecimento do controle social e econômico do Estado a partir da produtividade e submissividade do sujeito. Foucault trabalha muito essas questões de disciplina como foco de adestramento do sujeito em diversas de suas obras, mais especificamente no livro *Vigiar e Punir: nascimento da prisão* (1987) e *Miorofsíca do poder* (1979), as quais nos serão de grande valia para realização da análise do romance.

Antes de adentrarmos na questão da disciplina e suas técnicas, seus dispositivos, usados para o exercício de poder, devemos ter em mente a concepção de poder na perspectiva do próprio Michel Foucault. Vale lembrar que o filósofo foi um dos pensadores da segunda metade do século XX que analisou a ideia do poder não só restrito ao aparelho estatal, ou exclusivo ao campo da economia, como já estava “canonizado” por muitos adeptos ao marxismo, em que se creditava que as relações de poder estariam ligadas à posição ocupada pelo sujeito na produção e na manutenção desse sistema econômico.

Para que possamos entender melhor o poder a partir da ótica foucaultiana é preciso, antes de tudo, compreender que o filósofo não se preocupou em criar uma teoria geral com intuito de que se possa explicar toda essência do poder. Nas palavras de Roberto Machado (1979, p. X):

significa dizer que suas análises não consideram o poder como uma realidade que possua uma natureza, uma essência que ele procuraria definir por suas características universais. Não existe algo unitário ou global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural. Uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente.

Em outras palavras, a ideia central relacionada ao poder proposta por Foucault é a de analisá-lo, por meio de um método genealógico ou arqueológico, dentro de um acontecimento discursivo que é fragmentado e transformável.

No texto *Microfísica do Poder* (1979) passamos a entender o poder não mais como algo centralizado a uma única instituição, como no Estado ou ao sistema econômico, por exemplo; mas sim como uma prática em que pode ser exercida por todos os sujeitos e em todos os lugares e em toda a camada social. Isso equivale dizer que ninguém detém o poder, mas que o exercemos dentro de uma rede de relações sociais:

O que Foucault chamou de microfísica do poder significa tanto um deslocamento do espaço da análise quanto do nível em que está se efetua. Dois aspectos intimamente ligados, na medida em que a consideração do poder em suas extremidades, a atenção a suas formas locais, a seus últimos lineamentos tem como correlato a investigação dos procedimentos técnicos de poder que realizam um controle detalhado, minucioso do corpo – gestos, atitude, comportamentos, hábitos, discursos. (MACHADO, 1979, p. XII)

Os acontecimentos do Pós-Revolução Francesa foram alvos de constante análise de Michel Foucault por proporcionar, em decorrência dela, novas concepções de saberes para a (re)construção da nossa atual sociedade. Foi através dela que surgiram, por exemplo, novas especificidades nas ciências sociais. Essas especificidades constituíram novas produção de saberes e, conseqüentemente, novas formas de relações de poder. Todavia, como Roberto Machado (1979, p. XIII) deixa claro, Foucault não faz das análises das condutas do aparelho estatal uma regra metodológica para analisar o poder e a construção subjetiva do sujeito. O poder perpassa o Estado. Não está e nunca esteve nele centralizado:

A razão é que o aparelho do Estado é um instrumento específico de um sistema de poderes que não se encontra unicamente nele localizado, mas ultrapassa e completa. O que me parece inclusive, apontar para uma consequência política contida em suas análises, que evidentemente, não têm apenas como objetivo dissecar, esquadriñar teoricamente as relações de poder, mas servir como instrumento de luta, articulando com os instrumentos, contra essas mesmas relações de poder. É que nem o controle, nem a destruição do aparelho de Estado, como muitas vezes se pensa – embora, talvez cada vez menos, em suas características fundamentais, a rede de poderes se opera em uma sociedade. (MACHADO, 1979, p. XIII).

Na microfísica entendemos que não há um ponto específico que centralize o poder. Dentro do Estado e fora dele encontramos relações díspares e o que devemos fazer é justamente procurar dispositivos de exercício de poder que se diferencie do Estado. Segundo Roberto Machado (1979, p. XIV):

O interessante da análise é justamente que os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. Funcionam como uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa, a que não existe exterior possível, limites ou fronteiras. Daí a importante polêmica ideia de que o poder não é algo que se detém como uma coisa, como uma propriedade, que se possui ou não. Não existe de um lado os que têm o poder e de outros aqueles que se encontram dele alijados. Rigorosamente falando, o poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona. E que funciona como uma maquinaria, como uma máquina social que não está situada em um lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda estrutura social. Não é um objeto, uma coisa, mas uma relação.

Levando em conta o que levantamos como material teórico, percebemos que na obra de George Orwell, *1984*, essa relação de poder está presente em toda a camada social. Há um regime político que, embora seja ele totalitário, desperta ainda dentro da classe trabalhadora, mais especificamente aos membros do Partido, algumas manifestações de revolta contra o Partido *Ignsoc*, como também há, dentro do Partido, uma reação de contra revolta aos transgressores. Essa é uma das características principais desse jogo de relações de poder: todo poder se cruza com a resistência. É um jogo. Nesse jogo ou se ganha ou se perde, como explica Roberto Machado (1979, p. XVI):

Qualquer luta é sempre resistência dentro da própria rede do poder, teia que se alastra por toda a sociedade e a que ninguém pode escapar: ele está sempre presente e se exerce como uma multiplicidade de relações de forças. E como há poder, há resistência,



não existe propriamente lugar de resistência, mas pontos móveis e transitórios que também se distribuem por toda a estrutura social. Foucault rejeita, portanto, uma concepção de poder inspirada pelo modelo econômico, que o considera como uma mercadoria. E se o modelo pode ser elucidativo de sua realidade é na guerra que ele pode ser encontrado. Ele é luta, afrontamento, relação de força, situação estratégica. Não é um lugar, que se ocupa, nem um, objeto que se possui. Ele se exerce, se disputa. E não é uma relação unívoca, unilateral: nessa disputa ou se ganha ou se perde.

Essa relação pode ser evidenciada nas condutas tanto dos sujeitos, na obra de Orwell, como também por meio dos dispositivos de controle usado pelo Partido *Ingsoc*. Observemos que dentro da distopia de Orwell, o Estado está sempre lutando para exercer o poder, combatendo qualquer foco de resistência que possa surgir, enquanto há transgressores tentando resistir ao domínio do Estado.

Observamos essa luta entre dominador e dominado ainda no início do romance, quando o Estado proíbe o porte de um diário pessoal, e, ainda assim, o personagem principal, Winston Smith, decide adquirir o caderno. Nele Winston expõe toda a sua insatisfação contra o poder abusivo do Partido:

Seus olhos tornaram-se a focar a página. Descobriu que estivera escrevendo, num gesto automático, ao mesmo tempo que a memória divagava. E não era mais letra desajeitada e miúda de antes. A pena corria voluptuosamente sobre o papel macio, escrevendo em grandes letras de imprensa:

ABAIXO AO GRANDE IRMÃO!  
 ABAIXO AO GRANDE IRMÃO!  
 ABAIXO AO GRANDE IRMÃO!  
 ABAIXO AO GRANDE IRMÃO!  
 ABAIXO AO GRANDE IRMÃO!

muitíssimas vezes, enchendo meia página.

Não pôde deixar de sentir um alívio de pânico. Era absurdo, pois escrever aquelas palavras não era mais perigoso que o ato inicial de abrir o diário, mas por um momento se sentiu tentado a rasgar as páginas usadas e abandonar por completo a empresa. (ORWELL, 1996, p.21)

Notemos que há uma relação de poder entre o Estado e o sujeito tanto na ficção orwelliana como também em nossa realidade. Constemos que há, na obra de Foucault, *Vigiar e Punir* (1987), uma referência à transição entre o poder Soberano, em que o Estado monárquico pré-capitalista emanava o poder sobre a vida ou a morte dos súditos; e o poder disciplinar, em que caberia, dentro de um novo contexto social, político e econômico, o Estado realizar o adestramento dos corpos para que eles se tornem úteis e dóceis ao sistema social.

É interessante notar que o intuito de trazer esses acontecimentos sociais reais analisados por Michel Foucault dar-se-á mediante a sua, também, identificação no romance, mesmo que de forma indireta. Como vimos no capítulo anterior, *Foucault e Orwell: Da relação entre as práticas discursivas e o poder, a obra surge*, a obra só se torna aquilo que a conhecemos, porque surgiu a partir de condições sociais, históricas e discursivas vivenciadas pelo autor. O Estado, no romance, descarta, assim como na vida real, a possibilidade de realizações de supliciação do corpo do indivíduo e foca em técnicas alternativas, disciplinares.

Essa transição ocorre após o século XVIII e início do século XIX, em que se iniciavam novas estruturas sociais e novas produções de saberes. Observemos que a partir deste novo acontecimento histórico, não era mais de interesse do Estado punir o corpo do indivíduo, mas moldá-lo. O poder soberano vai cedendo aos poucos ao poder disciplinar. “o essencial da pena que nós, juízes, infligimos não creiais que consista em punir: o essencial é procurar corrigir, reeducar, “curar”, uma técnica de aperfeiçoamento recalca, na pena, na estrita expiação do mal, liberta os magistrados do vil ofício de castigadores.” (FOUCAULT, 1987, p. 13). Vale lembrar que a punição mencionada, neste momento, refere-se aos indivíduos condenados pelos magistrados por realizarem alguma atividade criminosa. A partir de então, a punição a estes indivíduos criminosos, não caberia mais ser realizada por meios que atingisse o seu corpo, como era práxis do governo absolutista, mas através de meios que reeducasse o infrator para torná-lo novamente útil à sociedade. Vale lembrar que essa tal punição incorporal do sujeito infrator em nossa sociedade contemporânea torna-se algo a ser questionada pelo próprio Michel Foucault, pois, privação sexual, expiação física são meios que, ainda, agem diretamente sobre corpo do sujeito castigado.

A ideia de agir na tentativa de reeducar o sujeito desobediente pode ser constatada também na obra, *1984*, quando o Partido demonstra o real interesse em controlar o corpo e, por meio dele, a mente dos indivíduos por técnicas disciplinares e usa, para isso, a categorização do sujeito normal e do anormal como meio de ditar verdades, padrões comportamentais que deveriam ser aceitos ou rejeitáveis por essa mesma sociedade. Vejamos um exemplo dessa categorização do sujeito “normal” e do sujeito “doente” no romance: Winston, quando capturado pela Polícia do Pensamento, é questionado por O’Brien se ele saberia o real motivo de trazê-lo até o cárcere. Winston o responde:

- Para obrigá-las a confessar.
- Não, razão não é essa. Tente outra.
- Para puni-la.
- Não! - Exclamou O'Brien, cuja voz mudara extraordinariamente. Sua face se tornara ao mesmo tempo severa e animada. - Não! Não apenas para extrair uma confissão, nem para te punir. Queres que diga o porquê fostes trazidos aqui? Para te curar! Para te salvar da loucura!
- Compreenderás, Winston, que ninguém, dos que trazemos a este lugar sai de nossas mãos sem está curado? Não estamos interessados nos estúpidos crimes que cometeste. O partido não se interessa pelo ato físico; é com os pensamentos que nos preocupamos. Não apenas destruímos nossos inimigos; nós os modificamos. Compreendes o que quero dizer? (ORWELL, 1996, p. 234).

A necessidade de entender e categorizar o indivíduo como meio de puni-lo dentro de uma instituição específica que atenda a sua reintegração social, como exemplificado no trecho acima, foi responsável pelo surgimento de novos saberes. Do campo da medicina, por exemplo, surge o psiquiatra, perito que determina quem é louco e quem é ajuizado. Dependendo da classificação do sujeito transgressor, haverá, neste caso, uma reeducação de seu corpo de maneira que melhor atenda a sua especificidade. O louco infrator será levado para o manicômio e o ajuizado infrator será levado para o presídio. Os estudos foucaultianos nos auxiliam, ainda, nessa etapa do trabalho na constatação de duas questões que precedem o poder disciplinar presente na obra literária.

A primeira questão, diz respeito à concepção de verdade ou saber emanado por uma determinada instituição que detém o conhecimento específico na área. O especialista é responsável por gerar um determinado saber, que também age na manutenção das relações de poder e é instrumento de dominação do Estado.

Dentro do romance, essa evolução nas especializações das ciências médicas ou sociais, por exemplo, é usada para que aja um conhecimento minucioso a respeito do sujeito em prol de identificar quaisquer atos de resistência contra o Estado. Em determinada passagem, o texto nos oferece uma definição importante sobre o homem das ciências:

O cientista de hoje ou é uma mistura de psicólogo e inquisidor, estudando com extraordinária minúcia o significado das expressões faciais, dos gestos e tons de voz e verificando os efeitos reveladores das drogas-da-verdade, terapia de choque, hipnose e tortura física; ou é químico, físico ou biólogo só interessado pelos ramos da sua profissão ligados à supressão da vida. Nos vastos laboratórios do Ministério da Paz, e nas estações experimentais ocultas nas florestas brasileiras, ou no deserto australiano, ou nas ilhas perdidas da

Antártida, os grupos de peritos continuam sua missão, infatigáveis. (Orwell, 1996, p.182).

Como é observado no romance, toda evolução das ciências dar-se-á mediante a um propósito de atender ao interesse social, mais especificamente do Estado. É o cientista quem detém o saber e quem delega um tipo de poder sobre os corpos dos indivíduos. É ele quem determina, por meio do saber, quem é louco e quem é ajuizado, por exemplo.

É interessante entender que todo o saber, seja ele científico ou ideológico, surge a partir das condições políticas, como defende Roberto Machado (1979, p.XXI). Essas condições, segundo ele, são essenciais para que se possa formar tanto a nossa subjetividade, como também os domínios de saber. Tal afirmação pode ser constatada no trecho supracitado do romance: Os saberes produzidos pelos cientistas surgiram a partir de condições políticas. Desta forma, entendemos que todo o saber é um saber político. “E isso não porque cai nas malhas do Estado, é apropriado por ele, que dele se serve como instrumento de dominação, descaracterizando seu núcleo essencial. Mas porque todo saber tem sua gênese em relações de poder” (MACHADO, 1979, p. XXI).

É por meio de quem delega algum tipo de saber que pode estabelecer um tipo de poder, de dizer o que é certo ou errado. No trecho anterior do romance, Winston, ao ser capturado por O'Brien, estava na condição de doente porque não tinha o saber para delegar um tipo de poder. Dessa forma, não havia condições que o fizesse trazer um autodiagnóstico que diferenciasse daquela emanado pelo seu inquisidor e salvar-se. Vejamos o que diz Roberto Machado (1979, p. XXII) sobre essa relação entre o saber e poder:

[...] todo saber assegura o exercício de um poder. Cada vez mais se impõe a necessidade do poder se tornar competente. Vivemos cada vez mais sob o domínio do perito. [...] é o saber enquanto tal que se encontra dotado estatutariamente, institucionalmente, de poder. O saber funciona na sociedade dotado de poder. É enquanto é saber que tem poder.

A segunda questão, trata-se da individualização e a categorização dos sujeitos como meio de manter a relação de poder focada na sua produtividade. O novo modelo “administrativo” da nossa sociedade surge com a ascensão do mercado capitalista, onde as pessoas são individualizadas, por meio de métodos avaliativos: são registradas e categorizadas, vigiadas o tempo inteiro, e seu tempo e espaço são

restritamente controlados para que se possa extrair todo o seu potencial em prol da manutenção social. Observamos, deste modo, que a relação de poder não está mais centrada na ideia de supliciar os corpos dos indivíduos (violência como modo de coerção dos corpos dos infratores), como existia nos regimes absolutistas pré-capitalista. Neste novo acontecimento social, as relações de poder não acontecem como efeito unicamente repressivo, mas produtivo. Daí o fato do sistema capitalista se manter bem estruturada ainda em nossa contemporaneidade:

O que as análises querem mostrar é que a dominação capitalista não conseguiria se manter se fosse exclusivamente baseada na repressão. Sabemos que não existe em Foucault uma pesquisa específica sobre a ação do Estado nas sociedades modernas. Mas o que a consideração dos micro-poderes mostra, em todo caso, é que o aspecto negativo do poder – sua força destrutiva – não é tudo e talvez não seja o mais fundamental, ou que, ao menos, é preciso refletir sobre seu lado positivo, isto é produtivo, transformador. (MACHADO, 1979, p. XVI).

Ao analisar o poder como não mais sendo um fenômeno unívoco de repressão, podemos enxergar seus fenômenos que auxiliaram nas produções de saberes, de comportamentos, de subjetividades. Daí a importância de ter como objeto alvo de controle os corpos dos indivíduos. Não é mais de interesse da sociedade capitalista (ou no caso da sociedade distópica criada por George Orwell, 1984) destruí os corpos, mas de adestrá-lo, aprimorá-lo e isso se torna possível graças as tecnologias disciplinares e as produções de saberes.

Nas análises foucaultianas entendemos que esse adestramento dos corpos é essencial para a manutenção da sociedade, evitando, por meio dela, que haja um descontrole na ordem política e econômica. Para Machado (1979, p. XVI).

Não se explica inteiramente o poder quando se procura caracterizá-lo por sua função repressiva. O que lhe interessa basicamente não é expulsar os homens da vida social, impedir o exercício de suas atividades, e sim gerir a vida dos homens, controlá-los em suas ações para que seja possível e viável utilizá-los ao máximo, aproveitando suas potencialidades e utilizando um sistema de aperfeiçoamento gradual e contínuo de suas capacidades. O objetivo ao mesmo tempo político e econômico: aumento do efeito de seu trabalho, isto é, tornar os homens força de trabalho dando lhes uma utilidade econômica máxima, diminuição de sua capacidade de revolta, de resistência, de luta, de insurreição contra as ordens do poder, neutralização dos efeitos de contra-poder, isto é, tornar os homens dóceis politicamente. Portanto, aumentar a utilidade econômica e diminuir os inconvenientes, os perigos políticos, aumentar a força econômica e diminuir a força política.

Dentro da sociedade criada por Orwell vemos um sistema político focado inteiramente no adestramento dos corpos dos indivíduos. Tudo isso é pensado para que o Partido consiga manter a dominação social, todavia, sem elevar o a qualidade de vida dos cidadãos, tampouco faça com que os cidadãos citez prazeres que não seja o de servir ao Partido. Há uma passividade e uma aceitação da realidade por parte da população pelo fato dela estar sempre atarefada, ocupada, com regras a serem seguidas, com tarefas a serem desempenhadas, e sempre sendo vigiadas e suas condutas registradas. Observemos, a seguir, um trecho do romance em que os personagens Winston e Júlia, para poderem se encontrar, deveriam realizar diversas tarefas para que não levantassem suspeita à Polícia do Pensamento sobre o relacionamento proibido dos dois:

Havia noites em que, chegados ao ponto de encontro, tinham de passar um pelo outro sem dar sinal de vida, por causa de alguma patrulha à vista ou de um helicóptero pairando perto. [...] A semana de trabalho de Winston era de sessenta horas, e a de Júlia ainda mais longa, e os dias de folga variavam conforme a pressão do serviço, nem sempre coincidindo. Júlia raro tinha uma noite inteiramente livre. Perdia um tempo fabuloso, assistindo a conferências e demonstrações, distribuindo literatura da Liga Juvenil Anti-Sexo, preparando faixas para a Semana do ódio, cobrando contribuições da campanha de poupança, e atividades similares. Valia a pena, dizia ela; era camuflagem. (ORWELL, 1996, p.122)

Aqui a disciplina age como meio facilitador no processo de docilização dos corpos e da mente uma vez que disponibiliza uma sobrecarga de atividade ocasionando um cansaço físico e mental, em prol de se evitar determinados inconvenientes políticos e auxiliando na produtividade do sujeito. Observemos que, para que o casal pudesse sair da rotina sem que levantasse suspeita, deveria cumprir com uma extensa lista de atividades. Essa sobrecarga de atividade garante que o sujeito gaste toda a sua energia em prol do Partido e esqueça de atividades secundárias que possam despertar, no sujeito, desejos inconvenientes para o Estado:

Querem que estoures de energia o tempo todo. Todo esse negócio de marchar para cima e para baixo, dar vivas, agitar bandeirolas, é sexo que azedou. Se estás contente contigo mesmo, por que havias de admirar o Grande Irmão, os Planos Trienais, e os Dois Minutos de Ódio e todo o resto da maldita burrice? (ORWELL, 1996, p 126).

Ao analisarmos o trecho acima, podemos entender, brevemente, que a disciplina é uma das técnicas mais importantes na efetivação nesse controle dos corpos e da mente dos cidadãos. Através de normatizações comportamentais, do controle do espaço, do tempo, do vigamento e do registro da produção e do comportamento dos sujeitos, vão se criando as subjetividades e controlando os desejos da massa. Englobando essa técnica de poder disciplinar, encontra-se a guerra, que aqui entendemos como um tipo de dispositivo que fomenta subsídios para a construção dessa disciplina.

Por dispositivos, fazemos uso das palavras do próprio Michel Foucault que usa o termo para visar, em primeiro lugar:

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. (FOUCAULT, 1979, p.244.)

A concepção foucaultiana de dispositivo nesse momento, dar-se-á mediante tanto a uma rede de produção discursivas como também através de práticas sociais responsáveis pela formação de subjetividades.

Na obra, há uma rede de discursos que corroboram para que sejam possíveis a criação de subjetividade e de sujeição dos corpos dos indivíduos. A guerra contínua, por exemplo, é um dispositivo porque cria discursos e práticas que levam à população a aceitar um tipo de realidade desejável ao Estado. A situação contextual da obra, usada para exemplificar essa prática de dominação, ocorre quando o personagem principal do romance, Winston, interrompe sua atividade no Departamento de Registro para se preparar para os Dois Minutos de Ódio, contra o traidor da Oceania, Emmanuel Goldstein. Essa atividade de dedicar dois minutos de ódio ao traidor do Grande Irmão era práxis para todos os membros do Partido:

Antes do Ódio se haver desenrolado por trinta segundos, metade dos presentes soltava incontroláveis exclamações de fúria. Era demais suportar a vista daquela cara de ovelha satisfeita e do poderio terrífico do exército eurasiático, mostrando na tela: além disso, ver ou ao menos pensar em Goldstein produzia automaticamente medo e raiva (ORWELL, 1996, p. 15)

Observemos que o momento de “Dois Minutos de Ódio” surge mediante a um estado de guerra que o Grande Irmão enfrenta contra seu inimigo Emmanuel

Goldstein. A prática de fazer com que todo o membro do partido se dedique constantemente dois minutos do seu tempo a emitirem palavras de fúria contra um o inimigo do Grande Irmão contribue para a formação subjetiva de medo e ódio dos indivíduos.

Outra concepção que Foucault traz acerca de dispositivo é explicado por meio de uma necessidade histórica. Foucault (1979, p.244) em seu texto *Sobre a história da sexualidade* entende por dispositivo “como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante” (FOUCAULT, 1979, p.244). Em outras palavras, podemos dizer que o dispositivo é uma estratégia que surge a partir de uma necessidade. A guerra contínua, dentro dessa análise do romance, surge como sendo também um dos pontos culminantes no processo de dominação do Partido sobre a população por garantir um extremo consumo das produções de materiais necessários para, além de manter um sistema hierárquico inquebrável, adestrar, por meio de trabalhos excessivos, os corpos dos indivíduos. Tudo isso sem elevar, é claro, a qualidade de vida da população. Isso fica evidente na seguinte passagem:

[...]Era preciso produzir mercadorias, porém não distribuí-las. E, na prática, a única maneira de o realizar é pela guerra contínua. O essencial da guerra é a destruição, não necessariamente de vidas humanas, mas dos produtos do trabalho humano. A guerra é um meio de despedaçar, ou de libertar na estratosfera, ou de afundar nas profundezas do mar, materiais que doutra forma teriam de ser usado para tornar as massas demasiado confortáveis e, portanto, com o passar do tempo inteligentes. (ORWELL, 1996, p.179).

A destruição gerada pela guerra garante um maior controle econômico e uma exaustão física e mental dos sujeitos. O cidadão entra em um estado de aceitação da realidade e cria uma perspectiva de melhora em um momento pós-guerra:

Veremos que a guerra não apenas realiza a necessária destruição como a efetua de maneira psicologicamente aceitável. Em princípio, seria bastante simples gastar o excesso de mão-de-obra construindo templos e pirâmides, cavando buracos e tornando e enchê-los, ou mesmo produzindo grandes quantidades de mercadorias e queimando-as. Mas isso só daria a base econômica, mas não a emocional, de uma sociedade hierárquica. Trata-se aqui não de uma moral das massas, cuja atitude não tem importância, contanto que sejam mantidas no trabalho, mas do moral do Partido. [...] Em outras palavras, é necessário que tenha a mentalidade apropriada ao estado de guerra. (ORWELL, 1996, p. 180).



Observemos que há entre os conceitos aqui tratados uma interseção que nos leva ao mesmo ponto: as relações de poder na construção das subjetividades. Primeiro, vimos que o poder é uma rede, um exercício. Segundo, que toda construção de saber surge a partir de uma necessidade de tornar o poder ainda mais competente, pois todo saber é político porque surge a partir das condições políticas que as permeia e é usado pelo Estado como forma de controle social. Terceiro, o dispositivo de poder aparece por meio de uma necessidade social, econômica ou política. O dispositivo é todo um conjunto de regras, uma instituição de controle como a escola, os presídios, toda uma rede de discurso dos ditos e dos não ditos que contribuem para um propósito de dominação. Mas qual o papel da disciplina nas relações de poder e na construção de subjetividade?

A disciplina é uma técnica de poder que visa a sujeição dos corpos. Ela é uma força que age de forma mais operacional e administrativa. Enquanto que as produções de saberes e os dispositivos funcionam, de certa forma, dentro da esfera discursiva, a disciplina faz uso dessas produções de discursos para pô-las em prática. Por isso, a importância de, aqui, trazer as produções de saberes e do surgimento do dispositivo antes de adentrarmos a própria questão da disciplina. Tanto os saberes, como também os dispositivos e, é claro, a disciplina surgem dentro de uma mesma necessidade social-política-econômica e se completam.

A Revolução Francesa e Industrial contribuiu para o surgimento dos saberes de hoje, afim de tornar o poder ainda mais competente; os saberes se institucionalizaram criando novos dispositivos de poder e esses dispositivos geram uma rede de discursos agindo diretamente nos corpos dos indivíduos por meio da disciplina que tem como intuito torná-los produtivos e dóceis, ideal para a manutenção da nova sociedade capitalista.

Todo esse sistema pode ser facilmente evidenciado no romance, *1984*: temos um desenvolvimento científico em prol do controle do pensamento do indivíduo, em que as especializações da psicologia, psiquiatria e afins, ratificam o poder do perito/Partido e determinam quem é louco e quem não é. Temos, também, a guerra, que é um dispositivo que surge através de uma urgência de dominação, consumindo os produtos produzidos pelos proles sem elevar a sua qualidade de vida e mantendo um cansaço físico e mental. Ainda, dentro do dispositivo da guerra estão regras, discursos, estruturas arquitetônicas que determina o que o sujeito deve ou não fazer

por meio de uma técnica de poder disciplinar. Sobre o poder disciplinar, Roberto Machado (1979, p. XVIII), salienta:

É importante notar que ela nem é um aparelho, nem uma instituição, na medida em que funciona como uma rede que as atravessa sem se limitar a suas fronteiras. Mas a diferença não é apenas de extensão, mas de natureza. Ela é uma técnica, um dispositivo, um mecanismo, um instrumento de poder, são “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que asseguram a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade...”. É o diagrama de um poder que não atua do exterior, as trabalha o corpo dos homens, manipula seus elementos, produz seu comportamento, enfim, fabrica o tipo de homem necessário ao funcionamento e manutenção da sociedade capitalista.

Na sociedade distópica de Orwell, que tipo de homem é exemplo digno a ser seguido por todos os indivíduos membro do partido? Qual sujeito tido como referencial seria merecedor de diversas homenagens oriundas do próprio Estado? Esse padrão de cidadão ideal é inventado pelo Partido *Ingsoc* e induz os demais cidadãos a se espelharem em suas conquistas para que possam também serem reconhecidas e homenageadas. Desse modo, a narrativa nos apresenta a descrição de um membro do partido com perfil invejável, disciplinado, obediente ao Estado:

Era abstinente total, não fumava, não se entregava a recreações além de uma hora no ginásio; fizera voto de celibato, por acreditar que o casamento e o cuidado da família eram incompatíveis com a devoção de vinte e quatro horas de dever. Não tinha, na conversação outros assuntos além dos princípios do *Ingsoc*, e nenhum objetivo na vida exceto a derrota do inimigo eurasiático e a perseguição de espiões, sabotadores, ideocriminosos e traidores em geral. (ORWELL, 1996, p.47)

Se no romance, cerca de 85% da população da Oceania é composta por indivíduos não pertencentes ao partido, como o Estado controlava essa massa chamada de *proles*, indivíduos que viviam apenas com a força do seu trabalho e não tinham acesso a informações do governo? “Simultaneamente, fiel aos princípios do duplipensar, o Partido ensinara que os *proles* eram naturalmente inferiores, que deviam ficar em sujeição, como animais, pela aplicação de algumas regras simples” (ORWELL, 1996, p.70). Essas regras diziam respeito justamente à negligência de informações ao proletariado. Quanto mais se nega conhecimento à massa trabalhadora, menos chances de despertar, nelas, consciência de classe.

Evidentemente a diferença entre o controle de um membro do partido e um prole encontrava-se mais na responsabilidade de informações em que cada um desempenhava. Enquanto que o membro do partido visava em administrar a parte operacional e burocrática do governo, o prole produzia exaustivamente produtos para serem, posteriormente, destruídos com a guerra. Dessa forma, não era de interesse do Estado realizar lavagem cerebral ao proletariado pelo simples fato deles não serem considerados como ameaças, pois ele não têm consciência de classe, e se contentam com pouco para sobreviverem: “Ninguém desconfiava deles. Como dizia o lema do Partido: As proles e os animais são livres” (ORWELL, 1996, p.71).

Se a disciplina age como técnica de administração dos corpos dos indivíduos atendendo ao interesse e a necessidade social, então quais são as suas características fundantes, seguindo a perspectiva do próprio Michel Foucault? Como podemos encontrar essas características dentro do romance? Para responder essas perguntas o organizador do livro *Microfísica do poder* (1979), Roberto Machado, elabora uma síntese do poder disciplinar respaldado na obra do próprio Michel Foucault, *Vigiar e Punir* (1987) e no texto *O Nascimento do Hospital* (1979), categorizando as características deste poder em quatro: organização do espaço, controle do tempo, vigilância contínua e registro. Na medida em que vamos explicando cada característica desta, vamos, também, trazendo referências do próprio romance para melhor compreendermos a narrativa orwelliana.

Para se entender a primeira característica da disciplina, devemos ter em mente que a disciplina é uma técnica de administração do corpo, dos atos, dos gestos, dos indivíduos. Portanto, faz-se necessário que haja uma melhor organização do espaço em prol de uma melhor produtividade do sujeito. Desse modo:

É uma técnica de distribuição dos indivíduos através da inserção dos corpos em um espaço individualizado, classificatório, combinatório. Isola em um espaço fechado, esquadrinhado, hierarquizado, capaz de desenhar funções diferentes segundo o objetivo específico que dele se exige. (MACHADO, 1979, p. XVIII).

A geografia do romance é baseada em uma total individualização. Isso garante um melhor controle do corpo do indivíduo e evita ao máximo o contato com o outro, fazendo com que o sujeito produza cada vez mais e não perca o foco do seu ofício.

Tomaremos como exemplo de controle do espaço como foco na disciplina/adestramento o lugar de trabalho do personagem principal do romance,

Winston Smith, dentro do Departamento de Registro no Ministério da Verdade.

Observemos:

Na parede do cubículo havia três orifícios. À direita do falascrever, um pequeno tubo pneumático para mensagens escritas; à esquerda, outro maior, para jornais; no meio, bem ao alcance do braço de Winston, uma grande abertura retangular protegida por uma grade de arame. Destinava-se ao desembaraço de papéis servidos. (ORWELL, 1996, p.39)

Percebemos que o espaço em que trabalha o personagem principal é individualizado, um cubículo. Dentro desse espaço, há praticamente todas as suas ferramentas de trabalho. Essa é uma técnica de controlar o corpo do indivíduo fazendo-o realizar o menor gesto possível em prol da eficiência em sua produtividade, como também inibir qualquer tipo de distração. Esse sentimento de individualização no trabalho se alastra por todas as demais instituições e contribuem para a formação subjetiva dos cidadãos da Oceania.

A segunda característica do poder disciplina funciona em combinação com a primeira. O controle do tempo é umas das técnicas disciplinares que mais se exige do corpo e da mente do indivíduo. A todo momento, os sujeitos estão sendo submetidos a tarefas com prazos para serem executadas e concluídas. Se levarmos a título de comparação com a nossa sociedade, o controle do tempo corroborou produtivamente para com o fortalecimento do liberalismo: quanto mais se produz em pouco tempo, conseqüentemente, melhor desempenho na economia, mais ocupado será o proletariado, menos tempo da classe trabalhadora em pensar em outras tarefas que não seja aquela que lhe foi determinada. Enfim, uma melhor corroboração entre o controle do corpo e da mente do sujeito. Assim:

A disciplina é um controle do tempo. Isto é, ela estabelece uma sujeição do corpo ao tempo, com o objetivo de produzir o máximo de rapidez e o máximo de eficácia. Neste sentido, não é basicamente o resultado de uma ação que lhe interessa, mas seu desenvolvimento. Esse controle minucioso das operações do corpo ela o realiza através da elaboração temporal do ato, da correlação de um gesto específico com o que o corpo produz e, finalmente, através da articulação do corpo com o objeto a ser manipulado. (MACHADO, 19979, p. XVIII).

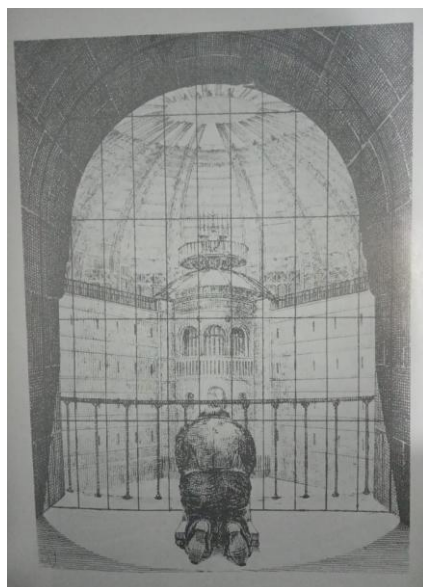
Como falamos anteriormente, o tempo e o espaço trabalham mutuamente e favorecem o mesmo propósito: máxima produção em menos tempo, dominação do corpo e mente do sujeito. Para que haja uma maior velocidade na produção, faz-se necessário que o operário tenha um espaço que o favoreça nesta atividade. Daí a a

explicação espacial do ambiente de trabalho de Winston: um cubículo, que inviabiliza o contato com o outro operário para se evitar distrações e todas as suas ferramentas de trabalho próximos de si, ou seja economia de tempo na tarefa de gesticular.

A terceira característica do poder disciplinar apontado por Roberto Machado (1979), a partir do estudo das obras de Michel Foucault, é a vigilância, mas não um tipo de vigilância momentânea ou fragmentada, mas contínua. É uma técnica que possibilita realizar uma constante observação do corpo e dos atos dos indivíduos, adentrando todos os seus espaços sociais e tirando toda a sua privacidade. Para que o adestramento por meio da vigilância seja ainda mais eficiente, espera-se que vigiado deva ter ciência que está sendo observado. Assim, exige-se uma maior cautela em suas expressões corporais ou discursivas para que se possa evitar qualquer julgamento ou punição de quem o vigia. Todavia, não é exigido que o observador se exponha, o vigiado sabe que está sendo observado, mas não sabe por quem, por onde ou por quanto tempo, dessa forma, evita de cometer erros. “Indiscrição’ com respeito a quem ela se exerce que tem como correlato, a maior “descrição” possível da parte de quem a exerce.” (MACHADO, 1979, p. XVIII).

Foucault (1987) toma como exemplo de instrumento de vigilância que auxilia no processo de adestramento dos corpos dos indivíduos a estrutura arquitetônica de Jeremy Bentham chamada de *Panopticon*. Essa estrutura de vigilância começou a ser usada nos sistemas prisionais após o fim dos suplícios dos corpos dos apenados no início do século XIX. Trata-se de um projeto de penitenciária que tem, evidentemente, a intenção de vigiar os prisioneiros, mas sem que os apenados vejam seu observador. Nesse projeto arquitetônico há no centro da penitenciária uma torre de vigilância e ao seu redor, de forma circular, estão as celas dos prisioneiros. A estrutura arquitetônica de Jeremy Bentham é apresentada na figura a seguir.

**Figura 1: Modelo de uma penitenciária com o sistema *panopticon***



Fonte: FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis, Vozes. 1987, P47

O filósofo, Michel Foucault, constatou que esse sistema de vigilância contínua não se restringe às penitenciárias, mas há em todas as instituições sociais (escola, trabalho, hospitais). A todo momento estamos sendo vigiados, monitorados, observados, seja através da própria família, seja através de um ser onipresente/onisciente, seja por meio de câmeras de vigilância ou, no caso do romance, por meio das teletelas.

Na sociedade da Oceania de Orwell, há uma constante vigilância dos cidadãos. Há, em todo os espaços sociais, cartazes com a fotografia do Líder do Partido, o Grande Irmão, espalhados pela sociedade: “Em cada patamar, diante da porta do elevador, o cartaz da cara enorme o fitava da parede. Era uma dessas figuras cujos olhos grandes seguem a gente por toda parte. O GRANDE IRMÃO ZELA POR TI, dizia a legenda” (ORWELL, 1996, p. 7). Esses cartazes com a figura do líder do partido espalhados em diversos lugares contribuem para que os cidadãos não se esqueçam que estão sendo observados. Com isso, evitam demonstrar qualquer ato de revolta contra o Estado por medo de serem atuados como traidores.

As teletelas são uma espécie de televisor interativo, que serve tanto para que o cidadão seja visto pelo observador do partido, como garante que observador individualmente interaja com o cidadão dando-lhe ordens específicas:

- Smith! – gritou da teletela a voz da megera. – 6079 Smith W! *Tu*, tu mesmo! Inclina-te mais, por favor. Podes fazer mais que isso. Não. Não estás te esforçando. Mais baixo! Assim está melhor, camarada. Agora, todo mundo, descansar! Olhai para mim. (ORWELL, 1996, p. 37).

Esses dispositivos são responsáveis pela observação constante da população durante todas as 24 horas. Os cidadãos, sabendo que estão sendo observados, são intimidados e suas ações, controladas. Não há privacidade, na sociedade criada por George Orwell, encontramos as teletelas em todos os espaços sociais: no trabalho, as escolas, nas ruas, dentro das residências dos indivíduos, em qualquer lugar que vá há presença desses dispositivos de “vigilamento”.

O Partido ainda tinha os olhos da própria família para realizar a tarefa da Polícia do Pensamento (instituição de controle direto ao corpo e da mente dos cidadãos em prol da manutenção do Estado). Todos os filhos e filhas de um membro do Partido, logo na sua infância, matriculavam-se nos Espiões e eram submetidos à lavagem cerebral por meio da disciplina. Eram treinados para denunciar qualquer ato duvidoso, de traição de qualquer pessoa, até mesmo dos próprios pais:

O truque semelhante tinha submetido o instinto da paternidade. Como não era possível abolir a família (ao contrário, os pais eram incitados a gostar dos filhos quase à moda antiga) as crianças eram sistematicamente atiradas contra os pais, e ensinadas a espioná-los e a denunciar os seus desvios. Dessa forma a família se tornara uma extensão da Polícia do Pensamento. Era um meio pelo qual todo mundo podia ser cercado, noite e dia, por delatores que o conhecia intimamente. (ORWELL, 1996, p. 126).

Obseramos, desse modo, que não há meios eficazes de se realizar qualquer ato de revolta contra o Partido sem que seja descoberto. Primeiro, temos os olhos (cartazes) do ditador, O Grande Irmão, espalhados por todos os espaços sociais como forma de fazer com que as pessoas não esqueçam que estão sendo vigiadas. Segundo, temos as teletelas, vigiando e dando ordens diretas aos indivíduos, sem que estes saibam por quem ou porquanto tempo estão sob os olhos do observador, um típico sistema panopticon. Terceiro, o sistema de vigilamento adentra os espaços das

famílias, fazendo com que elas sejam instrumento do Estado, ou seja, o indivíduo convivia com seus delatores os quais conhecia intimamente.

“O exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar; um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeito de poder” (FOUCAULT, 1987, p. 143). Esses dispositivos usados pelo Partido Ingsoc se fazem presente desde as instituições de trabalho até as instituições familiares.

No Departamento de Registro, ambiente de trabalho do personagem principal do romance, Winston Smith, há, além da presença das teletelas vigando os trabalhadores, outros meios de vigilância como o olhar do outro e a vigilância hierárquica, técnica que visa em administrar a empresa, sem que se saiba por quem. Desse modo, os funcionários são vigiados e seus atos são registrados pelo cérebro da instituição. Observemos como forma de ratificação da técnica do panopticon no favorecimento da docilização dos corpos dos sujeitos, o sistema administrativo do ambiente de trabalho de Winston:

[...]funcionando anonimamente não se sabia como, nem onde, ficava o cérebro orientador, que coordenava tudo o trabalho e fixava diretrizes, mandando conservar este ou aquele fragmento do passado, falsificar outro, e eliminar completamente aquele outro. (ORWELL, 1996, p. 43).

A quarta técnica que auxilia no favorecimento do poder disciplinar é o registro contínuo de informações. Segundo o estudioso da obra de Foucault, “Ao mesmo tempo que exerce um poder, produz um saber. O olhar que observará para controlar não é o mesmo que extrai, anota e transfere as informações para os pontos mais alto da hierarquia de poder. ” (MACHADO, 1979, o. XVIII). É, portanto, através da observação contínua, e da organização do espaço e do tempo, que algo é registrado. Esse registro corrobora para o surgimento de saberes que serão posteriormente usados pela Instituição de poder ou pelo aparelho Estatal.

Tomaremos como exemplo o funcionamento administrativo de um hospital, como Foucault trabalha no texto *O nascimento do hospital* (1979). É por meio dessa técnica de observação e registro que é permitido uma análise mais profunda a respeito dos corpos dos indivíduos. O sistema piramidal entre o objeto observado e o observador garante uma mais ampla análise para produção de saberes. Vale lembrar



que a nova técnica de poder disciplinar (esta que inicia após o surgimento do capitalismo) visa a individualização do sujeito, na sua categorização, classificação, e, também, visa distribuí-los com o propósito de que se possa extrair todo o seu potencial. Nas palavras do filósofo:

A disciplina implica um registro contínuo. Anotação do indivíduo e transferência de informação de baixo para cima, de modo que, no cume da pirâmide disciplinar, nenhum detalhe, acontecimento ou elemento disciplinar escape a esse poder.[...] A disciplina é o conjunto de técnicas pelas quais os sistemas de poder vão ter por alvo e resultado os indivíduos em sua singularidade. É o poder de individualização que tem o exame como instrumento fundamental. O exame é a vigilância permanente, classificatória, que permite distribuir os indivíduos, julgá-los, medi-los, localizá-los e, por conseguinte, utilizá-lo ao máximo. Através do exame, a individualidade torna-se um elemento pertinente para o exercício do poder. (FOUCAULT, 1979, p. 107)

No romance de Orwell, vemos também esse sistema observacional e de registro contínuo. Essa análise referente aos corpos e a mente dos sujeitos são realizadas por meio de diversas instituições normalizadoras, seja ela pela Polícia do Pensamento ou através da própria família. Em toda parte da sociedade da Oceania, há alguém ou alguma coisa observando e registrando as condutas do cidadão, as expressões faciais ou um simples desvio na rotina:

O membro do Partido vive, do berço à cova, sob os olhos da Polícia do Pensamento. Mesmo quando está sozinho jamais pode ter certeza do seu isolamento. Onde quer que esteja, dormindo ou acordado, trabalhando ou descansando, no banho ou na cama, pode ser examinado sem aviso e sem saber que o examinam. (ORWELL, 1996, p. 197).

Ao analisarmos esse trecho, constatamos a ideia do registro contínuo de informações do histórico do indivíduo em prol da manutenção social. Desde o seu nascimento até mesmo a sua morte, o Estado coleta informações a respeito do sujeito; essas informações são responsáveis por produzirem saberes; e esses saberes são utilizados pelo Estado. Isso fica evidente nessa passagem do romance:

Suas amizades, seus divertimentos, sua conduta em relação à esposa e aos filhos, a expressão e seu rosto quando está só, as palavras que murmura no sono, e até os movimentos característicos do seu corpo, é tudo coisamente analisado. (ORWELL, 1996, p. 197).

Podemos dizer que foi a partir desse registro contínuo de informações a respeito do personagem principal que o Estado constatou o maior medo de Winston (rats) e usou, já nos momentos finais do romance, contra o próprio protagonista com o propósito de efetivar, no personagem, uma lavagem cerebral.

Diante das informações que o Estado possui, e depois de terem sido usadas contra os indivíduos, a narrativa destaca o modo como se comporta o ex-casal, Winston e Júlia, após passarem por diversas sessões de torturas realizados pela Polícia do Pensamento quando capturados por traição ao Partido:

-Eu te traí – disse ela, sem rodeios.

- Eu te traí – disse ele também.

Júlia lançou lhe outro olhar de repugnância.

- Às vezes – disse ela – ameaçam a gente com uma coisa... cum coisas que a gente não se pode aguentar, não se pode nem pensar. E então a gente diz: “Não faça isso comigo, faze com outra pessoa, faze com Fulano e Sicrano”. [...]

- Só nós temos importância – repetiu ele.

- E depois disso, já não se sente o mesmo pela outra pessoa.

- Não – concordou ele – Já não se sente o mesmo.

(OWELL, 1996, p. 272-273)

Vale reforçar que toda essa técnica disciplinar se encontra em toda a camada social do romance, seja ela no trabalho do personagem principal ou no ambiente familiar dos demais cidadãos. Há sempre um controle minucioso da operação dos corpos do sujeito dentro de um determinado espaço-tempo; há um sistema de vigilância contínua dos indivíduos, penetrando toda a sua privacidade; e há, ainda, um registro de informações acerca desses mesmos indivíduos. Todas essas informações produzem saberes e esses saberes se institucionalizam com ajuda do aparelho estatal e o Estado determina por meio dessas instituições (como por exemplo a Polícia do Pensamento) o que é permitido ou não, o que é considerado doente ou sadio.

Desta forma, a disciplina age no processo de docilização dos corpos atendendo ao interesse e a necessidade da realidade social e conseqüentemente são responsáveis pela formação de subjetividades. Os sujeitos participam desse jogo discursivo através de condições sociais, históricas e política; ou seja, os cidadãos da Oceania só são aquilo que o romance nos apresenta porque existem condições que determinam a sua forma de agir e de pensar. A disciplina, portanto, é uma técnica de poder que age não somente na forma de repreensão do sujeito, mas na sua produção, seja ela na produção de saberes, de comportamento, de subjetividade, agindo na perpetuação e manutenção econômica, política e social.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, na sociedade distópica criada por George Orwell, há diversas instituições normatizantes que são responsáveis pela construção subjetiva dos sujeitos, a exemplo da família, da escola e outros. Essas instituições fazem uso de uma técnica de poder conhecidas como Disciplina, tecnologia de controle do corpo dos indivíduos bastante estudada pelo filósofo francês Michel Foucault. É por meio do poder disciplinar, dos saberes construídos e institucionalizados a partir dessa técnica, que o Estado consegue manter-se, docilizando os corpos dos indivíduos com o propósito de atender ao interesse econômico e político do governo; e formando as subjetividades dos sujeitos.

Nesse momento, é importante retornarmos aos nossos objetivos específicos e gerais que motivaram a nossa pesquisa: identificamos as instituições e os instrumentos tecnológicos de poder usados pelo Estado que contribuíram para com o domínio massivo do corpo e da mente dos sujeitos. Todo poder resulta na criação de saberes, então, pesquisamos como esses saberes são formados, institucionalizados e usados como ferramenta do partido Ingsoc nesse processo de sujeição do sujeito, tendo como aliado as técnicas disciplinares.

Há toda uma arquitetura que engloba o poder disciplinar e o faz ser tão eficiente para a manutenção da ditadura do Grande Irmão. Observamos, a partir desse sistema de docilização dos corpos e da criação de subjetividade, uma interseção entre dispositivo da Guerra, a disciplina e o surgimento de saberes.

Primeiro, vimos que guerra é um dispositivo que surgiu a partir de uma necessidade política de dominação do Partido sobre a população, calcando-se no alto consumo de produtos dos indivíduos. Além da guerra não progredir a qualidade de vida dos cidadãos, ela funciona com meios discursivos: ou seja, o estado de guerra, auxilia no conformismo da população, cria perspectivas de melhoras futuras, alimenta o ódio ao inimigo do Estado e devoção ao Líder do Partido.

Segundo, vimos que a disciplina possui algumas características essenciais responsáveis pelo mais completo processo de docilização dos corpos dos indivíduos. Trata-se da organização do espaço, do controle do tempo, do processo de vigilância contínua e do registro de informações.

Na organização do espaço, os indivíduos são inseridos em ambientes individualizados, onde podem ser observados e melhor analisado por seu superior, como foi exemplificado no romance através do espaço de trabalho do personagem principal, Winston. Nesse espaço, os gestos dos indivíduos são controlados para que haja sempre a sua máxima produção sem que ocorra qualquer distração.

O controle do tempo aliado com a organização do espaço visa a maior produtividade do sujeito, consumindo todo o seu tempo e garantindo uma exaustão física e mental do indivíduo com o propósito de se evitar determinados inconvenientes, como atos de revolta contra o Partido.

A vigilância contínua sobre os indivíduos é outro recurso bastante explorado pelo Estado. Esse sistema de vigilância se alastra em todos os espaços sociais do romance, tirando toda a privacidade do cidadão. O olho do Partido é encontrado na narrativa por meio de cartazes espalhados pela sociedade, como sinal de alertar à população sob sua contínua vigilância, inibindo qualquer tipo de condutas imprevisíveis do sujeito. Há ainda os dispositivos chamados de teletelas, instrumento tecnológico interativo também espelhados por todos os espaços sociais e individuais. No sistema *panopticon* de teletelas, o membro do partido é assistido e assiste seu observador. Vimos, também, que há os olhos do partido dentro da própria instituição da família, um meio pelo qual todo mundo podia ser cercado, noite e dia, por delatores que o conhecia intimamente.

O sistema de registro, também contínuo, das ações dos corpos dos indivíduos extrai informações sobre as condutas dos cidadãos e é utilizado pelo aparelho Estatal como ferramenta de dominação. Esse registro de informações é responsável pelo surgimento de saberes, e são, posteriormente, institucionalizados e têm o propósito de delegar algum tipo de poder sobre os corpos dos indivíduos.

Esse terceiro ponto, produção de saberes a partir do registro de informações, ratifica sua contribuição na construção de subjetividades dos sujeitos. É a partir do discurso do perito, daquele que detém um tipo de saber, que o governo pode delegar algum tipo de poder sobre as condutas dos corpos dos indivíduos. É o especialista quem determina quem é normal e quem é anormal, quem é doente e quem é saudável. Lembramos que toda a produção de saber é institucionalizada, (como a Polícia do

Pensamento) e é usado pelo Estado com o intuito de controlar melhor a população. Dessa forma, como apresentamos no decorrer do trabalho “Todo o saber é político”.

No mais, o poder disciplinar do romance é uma técnica de controle da população que opera em sua máxima eficiência, quando conciliado entre o Dispositivo de guerra, os métodos disciplinares e seus saberes, visando a construção de uma subjetividade populacional de sujeição ao Partido.

Salientamos que presente trabalho poderá ser de grande valia aos pesquisadores da linguagem que assim desejar compreender o funcionamento dos dispositivos disciplinares presente nas instituições de ensino, pesquisa e extensão que contribuem (in) diretamente para com a formação subjetiva do sujeito.

O caráter análogo à realidade que o gênero romance possui, permite-nos analisar, juntamente com nosso aporte teórico, o funcionamento de técnicas disciplinares que perpassam a ficção orwelliana. Essa análise comparativa entre a ficção e o real pode ser feita justamente pelo fato de a materialidade do romance ser construída a partir de acontecimentos sociais, históricos e discursivos que fizeram parte da construção subjetiva do autor. É a partir, também, do estudo da vida do autor que podemos identificar o porquê que surgiu o romance *1984* e não qualquer outra narrativa em seu lugar.

## REFERÊNCIAS

- CANDIDO. Antônio, *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2010.
- DAMIÃO, Carla Milani. Quem? o Grande Irmão? sobre a idéia e características culturais do programa televisivo Big Brother . *Revista Brasileira de Marketing*, v. 1, n. 1, p. 57-66, 2002. Disponível em: <<https://periodicos.uninove.br/remark/article/view/10146/4828>>. Acesso em: 25 Dez. 2020.
- DE FIGUEIREDO, Carolina Dantas. Da utopia à distopia: política e liberdade. *Eutomia*, v. 1, n. 03, 1982.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O quadro atual da análise de discurso no Brasil, *Letras*, [online], n. 27, p.39-46, 2003.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. - São Paulo: Atlas, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*; tradução de Luiz Felipe Neves. - 7. ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- \_\_\_\_\_. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola. 2006
- \_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: nascimento das prisões*; trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*; org. Roberto Machado – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. *Métodos de pesquisa*. Plageder, 2009.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso - diálogos e duelos*. São Carlos: Claraluz, 2004.
- LAIGNIER, Pablo; MARTINS, Sara. 1984: Arquétipo de Sociedade Espetacular Disciplinada. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, RJ. 2010. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/sis/2010/resumos/R5-3024-1.pdf>.> Acesso em: 09 Nov. 2020.
- ORWELL, George. *1984*, 23. Ed. – São Paulo: Editora Nacional, 1996.
- SANTOS, I. dos. *Foucault: o poder disciplinar e o direito ao corpo*. 2014. 19f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito)- Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2016.
- SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. Unidade 2- A pesquisa científica; *Metodo de pesquisa*, v.1, p. 31, 2009.

TIAGO, H. N. *“Poder por amor ao poder”: uma análise discursiva das relações de poder em 1984, de George Orwell*. 2015. 145 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2015.